

As histórias encontradas em livros, filmes, teatro e conversas informais, remetem o ouvinte a novas situações, o que faz despertar interesse e expectativa. As histórias carregam um conhecimento acumulado durante muito tempo pela humanidade, isso é transmitido através das ações das pessoas de qualquer lugar no mundo. Ela se torna foco das conversas sociais, ouvir uma história, contá-la e recontá-la é uma maneira de preservar os valores e a cultura da sociedade.



O primeiro contato da criança com um texto geralmente é através das histórias contadas oralmente, sejam por seus familiares ou professores. Esse é o início da aprendizagem, compreensão e

descobertas importantes na formação da criança. As histórias podem ser contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador embalado por uma voz amada. É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação. (ABRAMOVICH, 1989, p.15)

O significado de escutar histórias é tão amplo, que é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessam e vivem de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados e enfrentados. Desenvolvem também todo o potencial crítico da criança, é poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar e se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de idéia

e ter vontade de reler ou deixar de lado uma vez. Sayão (2003) ressalta que, contar histórias é um ato de carinho por parte do adulto, que reconhece que a criança pode aprender muito, de modo lúdico e prazeroso, a respeito do mundo que a espera. Talvez seja isso que falte nos dias atuais, pois contar histórias une as pessoas, e hoje em dia com tanta tecnologia, as pessoas se afastam cada vez mais, deixando de lado esse recurso tão indispensável e importante em nossas vidas.

De acordo com COELHO (1999, p.47), “antes de narrar a história deve-se abrir espaço para uma boa conversa, por exemplo, se a história gira em torno de animais domésticos e começa-se diretamente, os ouvintes poderão interromper dizendo: eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho, o que for. “Assim, segundo a autora, deve-se perguntar antes quem tem um gatinho, como se chama, a cor, de que se alimenta, as travessuras. Deixando as crianças falarem a vontade, um de cada vez; eles se sentem felizes e isso facilita a identificação e a integração. Há alguns conceitos tais como a representação, resumo, detalhes das características dos personagens, sentimentos, que não podem ser esclarecidos previamente para não antecipar fatos de enredo sobre o clímax. Durante a narrativa, da passagem, faz-se explicação, em tais casos.

Uma conversa informal estabelece, portanto, a empatia indispensável e ainda permite ao narrador conhecer melhor as crianças, além de dar-lhes oportunidade para falar. Deve-se mostrar prazer, sorrir enquanto conta-se a história. O sorriso ilumina o rosto do contador e se refletirá no rosto de cada criança. O contador se sentirá mais relaxado e deverá se sentir mais à vontade. As crianças irão sentir que ele gosta de contar-lhes histórias e irão ficar satisfeitas. Cabe ao professor selecionar os contos que serão trabalhados com seus alunos e saber qual o valor e o que irá contribuir no desenvolvimento da criança. É fascinante para o educador buscar caminhos propostos pelo pensamento e pela imaginação infantil, pois as crianças dessa fase são curiosas com bastante capacidade de aprendizagem e a vontade de obter mais conhecimento as levam a formular hipóteses, expandindo e interagindo com o mundo que as cercam e de surpreender-se diante da vida. Para que a criança possa explorar diferentes linguagens, é fundamental que se torne fonte de interesse permanente, de curiosidades, de espantos, de desejos e descobertas, obtendo uma construção social, ativa, criativa, participativa, produzindo e reproduzindo cultura. Para a contação é preciso ter envolvimento, didática e disposição. Fazer com que os ouvintes sintam-se parte daquilo que está sendo contado, sintam seus cheiros, sons, para isso é necessário saber como se faz. É a mais antiga e ao mesmo tempo a mais moderna forma de comunicação, e através dela, podemos preservar valores e a coesão de uma determinada comunidade.

A importância das histórias

De acordo com ABRAMOVICH (1989, p. 17), “é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar.”

Contar histórias é uma arte que preserva e transmite os valores culturais de uma comunidade. Exercem fascínio sobre as pessoas, uma vez que remete o ser humano a vivenciar o mundo imenso da fantasia e dos sentimentos. A literatura tem papel fundamental na formação do ser humano, na conscientização de

valores e princípios. Sua importância no desenvolvimento da criança torna fundamental ao ato de contar histórias, sendo principalmente, um ato de carinho por parte do adulto, que reconhece que a criança pode aprender muito, de modo lúdico e prazeroso, a respeito do mundo que a espera.

Segundo PUIG (1998, p.69), "a criança quando ouve histórias, consegue perceber as diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e bonitos, poderosos e fracos, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Através deles a criança incorporará valores que desde sempre regem a vida humana. "No ato da leitura quando a criança se identifica com heróis e heroínas, superam-se o medo que a inibi ajudando-a resolver situações envolvendo-a emocionalmente. Sem dúvida, ler para as crianças pode instruir tanto a mente quanto o coração. As crianças sentem necessidade de expressar-se e colocar para fora as fantasias de seu mundo interior, e através de histórias, desenvolvem a capacidade criadora (fantasia e imaginação), antecipa o futuro hábito de leitura e desperta a curiosidade pelo mundo em que vive (pessoas, animais e natureza).

Funções da literatura infantil

A literatura infantil inspira e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim nas 3 áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade), em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a literatura infantil tem a sua função. A leitura rápida e compreensiva do texto é um automatismo a ser desenvolvido também pela literatura. A leitura reflexiva, a aprendizagem de termos e conceitos conseguem-se também pela leitura. As preferências, os ideais e as atitudes, como o gosto pela leitura, o amor às nossas coisas, são atingidos através da leitura.

As funções da literatura podem ser amplas. O modo mais comum de proporcionar seus objetivos se faz tratando-se de suas 3 finalidades mais abrangentes: educar, instruir e distrair. A mais importante é a terceira. Deve ser a primeira preocupação do escritor infantil, pois o interesse pelo livro existirá a partir dela. O

prazer deve envolver as ideias e os ideais que queremos transmitir à criança. Se não houver arte, que traz o prazer, a obra não será literária e sim didática. Se tiver que escolher entre um livro que apenas eduque ou instrua e outro que só divirta a criança, não hesite: fique como que a distrai. O instruir será muito valioso porque desperta na criança a curiosidade intelectual, e lhe proporcionará momentos agradáveis, o que já é uma grande conquista. Segundo LOBATO (1968), não é possível um homem ser perfeito, sem ter sido uma perfeita criança. Segundo ANTONIETA (1968), o objetivo da literatura infantil é desenvolver a sensibilidade e o senso crítico. Levar os alunos a julgar o que veem, leem e ouvem é um dos maiores benefícios que a professora pode fazer as suas crianças.

Um pouco mais da história da literatura infantil

A Literatura não é como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição. (Meireles, 1984, p. 32)

A literatura infantil divide-se em dois momentos: a escrita e a lendária. A lendária nasceu da necessidade que tinham as mães de se comunicar com seus filhos, de contar coisas que os rodeavam, sendo estas apenas contadas, não sendo registradas por escrito. Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, quando da escrita das histórias contadas oralmente. Foram obras de fundo satírico, concebidas por intelectuais que lutavam contra a opressão para estigmatizar e condenar usos, costumes e personagens que oprimiam o povo. Os autores, para não serem atingidos pela força do despotismo, foram obrigados a esconder suas intenções sob um manto fantasioso. Cademartori (1994) ressalta que o início da literatura infantil pode ser marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outros.

Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro de Andersen "O Patinho Feio", no século XX. Surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro "Narizinho Arrebitado" e, mais adiante, muitos outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler. O século XIX, no Brasil, oferece já um panorama

variado de leituras infantis. Mas o mesmo não se pode dizer dos séculos anteriores. A simples instrução dos tempos coloniais era

impedimento natural ao uso de livros, principalmente dessa espécie. Pelo menos do seu uso generalizado. A leitura não era uma conquista popular.

Monteiro Lobato

Foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX. É conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, que constitui aproximadamente a metade da sua produção literária. Dedicou-se a um estilo de escrita com linguagem simples onde realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil.

Suas personagens mais conhecidas são: Emília, uma boneca de pano com sentimento e idéias independentes; Visconde de Sabugosa, a sábia espiga de milho que tem atitudes de adulto; Pedrinho, personagem que o autor se identifica quando criança; Cuca, vilã que aterroriza a todos do sítio, Saci Pererê e outras personagens que fazem parte da inesquecível obra “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que até hoje encanta muitas crianças e adultos. Escreveu inúmeras e incríveis obras infantis, entre elas: A Menina do Nariz Arrebitado, O Saci, Aventuras do Príncipe, Noivado de Narizinho, Reinações de Narizinho, As Caçadas de Pedrinho, Emília no País da Gramática, Memórias da Emília, entre outros.

De acordo com Wikipédia, a Literatura Infantil no Brasil iniciou-se na segunda metade do século XIX. As lendas eram recontadas por pessoas as quais conhecemos por contadores de histórias. Em 1921, iniciou-se a Literatura Infantil no Brasil com a história: “Narizinho Arrebitado”, publicação de Monteiro Lobato. Ele criou um universo para a criança enriquecida pelo folclore, buscou o nacionalismo na ação dos personagens que refletiam na brasiliade, na linguagem, comportamentos e na relação com a natureza. Um de seus personagens que representa o mesmo ideal dos contadores de história da antiguidade, por exemplo, Visconde de Sabugosa, que é o intelectual contador de histórias.

Com a valorização da criança surgem textos adaptados a elas, os livros adultos tomam forma de livros infantis. Começa-se a

formação de pequenos leitores. Com isso, surge a necessidade de obras que despertassem o interesse das crianças, que lhe chamasse a atenção, na qual pudessem viajar e sonhar, baseadas no mundo do faz-de-conta. Além de chamar e despertar o interesse da criança através do imaginário, Lobato conscientiza com a sua literatura denunciadora, que envolve temas muito importantes e fatos políticos-econômicos-sociais. A sua principal obra, “O Sítio do Picapau Amarelo”, tem traços de um Lobato indignado com a exploração do Petróleo, logo depois surge o livro “O Poço do Visconde”, que conta a história da descoberta do Petróleo nas terras do Sítio (mundo fictício), que eram terras de sua família. Não podendo se expor, criou as personagens fantásticas, as quais dizem tudo o que ele pensa sobre a descoberta, entre elas Emilia, a qual representa a sua voz.

A intenção de Lobato era valorizar o folclore nacional em suas obras, que levam os leitores a compreenderem um pouco mais da cultura brasileira. O tempero maior de tudo isso é introduzido com as dúvidas e maluquices de Emilia, a boneca de pano, que, após tomar uma pílula que a fazia falar, virou uma grande tagarela.

A Literatura Infantil recebe esta denominação quando incorpora o sonho e a magia nas obras, o que Lobato faz com grande competência. No século XIX, principalmente, houve a preocupação em apresentar aos jovens textos considerados adequados à sua educação – foi reelaborado o acervo popular europeu – neste período destacam-se as histórias dos Irmãos Grimm. Assim, a renovação chegou à Literatura Infantil, a qual incorporou um pensamento progressista.

A relevância das histórias infantis para o desenvolvimento da criança do maternal

Segundo as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman em sua obra Literatura Infantil Brasileira, as primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente,

em 1717, e os Contos da mamãe Gansa, cujo título original era Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades, que Charles Perrault publicou em 1697. Perrault foi o primeiro escritor que literarizou uma produção até este momento de natureza popular e circulação oral, sendo os contos de fadas a principal literatura infantil. Além do sucesso dos contos de fadas deste autor somou-se também as adaptações de Robinson Crusoé (1719), de Daniel Defoe, e Viagens de Gulliver (1726) de Jonathan Swift, autores que asseguraram a assiduidade de criação e consumo de obras.



No século XIX os irmãos Grimm, em 1812, editam a coleção de contos de fadas que, dado êxito obtido, converte-se, de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças. Essas obras se definem como as que mais agradam o público infantil, por obter em suas principais linhas de ação em primeiro lugar, a predileção por histórias fantásticas, modelo adotado por Hans Christian Andersen, nos seus Contos (1833), Lewis Carroll, em Alice no país das maravilhas (1863), Collodi, em Pinóquio (1883), e James Barrie, em Peter Pan(1911), entre os mais célebres.

No Brasil em 1808, inicia-se a atividade editorial, com a implantação da Imprensa Régia, a partir disso começam a publicar livros para as crianças: a tradução de As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen e, em 1818, a coleção de José Saturnino da Costa Pereira, Leitura para meninos, neste período as publicações eram esporádicas e só em 1848, editaram Aventuras do Barão de Münchhausen, agora com a

chancela da Lammert, e, portanto não se caracterizou uma produção literária regular para infância.

As primeiras obras foram traduzidas e adaptadas de várias histórias européias, que circulavam, muitas vezes em edições portuguesas, que dificultava a leitura das crianças brasileiras, pois não apresentavam sequer a cumplicidade do idioma. Nessa época o famoso Figueiredo Pimentel, cronista do jornal *Gazeta de Notícias*, inaugura a coleção Biblioteca Infantil Quaresma que, ao longo dos vários títulos, vai fazendo circular entre a infância brasileira, as velhas histórias de Perrault, Grimm e Andersen.

A partir de 1915 a editora Melhoramentos inaugura sua Biblioteca Infantil que, sob a direção do educador Arnaldo de Oliveira Barreto, publica como primeiro volume de sua coleção *O patinho feio de Andersen*.

Segundo as concepções brunerianas apresentada pela pesquisadora Tizuko; Bruner (1986; 1996) valoriza as histórias infantis, do gênero contos defadas, por sua estrutura do tipo binário, de situações opostas, típicas do processo de categorização. A narrativa como categorização exige discriminar diferentes coisas como equivalentes, agrupar objetos, eventos e povos em classes (Bruner; Goodnow; Austin, 1956, p.1). Tizuko Kishimoto escreve em sua pesquisa sobre as narrativas infantis binárias, que são aquelas que destacam conceitos como bruxa boa e má, morar perto e longe, caixa grande e pequena, que todas estas concepções evidenciam a estrutura típica do pensamento infantil, e elas que auxiliam no processo de categorização que as crianças utilizam em situações cotidianas para representar o mundo a sua volta (Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.3.p.427-444, set/dez. 2007).

Partindo deste pressuposto podemos afirmar então que as crianças utilizam as situações vividas em cada história para tentar compreender o mundo a sua volta. Os pequenos ainda não compreendem que isto está acontecendo, mas nós os adultos podemos através da observação perceber a utilidade prática que as histórias infantis podem trazer para os alunos dentro da sala de aula, um exemplo claro disto seria: o desenvolvimento da oralidade e a ampliação do conhecimento de mundo que a própria criança começa a demonstrar através da fala e de suas ações. Nós educadores então não podemos fechar os olhos

diante de uma prática tão importante e envolvente como o momento da contação de histórias. Devemos utilizar este meio

para tornar as aulas mais prazerosas e significativas para os alunos no maternal, lembrando sempre que a busca e utilização de práticas que respeitam a especificidade da criança sempre trarão resultados positivos, contudo não podemos nos descuidar do momento em que vamos escolher o volume a ser usado e também o modo como vamos encaminhar a atividade.

A apreciação de Bruner pelos contos de fadas se dá justamente por este processo de categorização que ele traz, pois a categorização possibilita a aprendizagem, pois identifica objetos do mundo e reduz a complexidade do ambiente, mas requer motivos postos pelas crianças e estratégias para sua finalização, isto quer dizer que o início de tudo partirá da própria criança. Nesse momento o adulto servirá como um andaime para que essa criança possa aprender sendo ela mesma a protagonizadora desse processo. Desse modo a aprendizagem se dará por uma descoberta que depende da criança e do apoio do adulto, esta então seria a concepção de aprendizagem por descoberta elaborada por Jerome Seymour Bruner, mas para isto alguns aspectos são imprescindíveis, como por exemplo, um espaço que favoreça a iniciativa da criança, o protagonismo, a aprendizagem e expressão do conhecimento.

Como Bruner, a professora Fanny Abramovich formada pela USP também escreveu em seu livro "Literatura Infantil, gostosuras e bobices" sobre a importância dos contos de fada para a formação de qualquer criança, pois ouvir muitas histórias escutá-las é o inicio da aprendizagem para ser um bom leitor, e segue afirmado ainda que ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Ler histórias então é um meio significativo para se trabalhar com as crianças, porque elas estão carregadas de emoções como medo, tristeza, raiva, alegria, espanto, pavor, insegurança, tranquilidade, saudade e lembranças suscitando assim o imaginário de cada criança. Portanto ao ouvir histórias a criança pode ter as suas curiosidades respondidas e conseguir encontrar outras ideias para resolver questões (como os personagens da

história fizeram). É uma possibilidade imensa de descobrir outros lugares, outros tempos, outra cultura...

A autora Vera Teixeira de Aguiar, em posfácio da coleção Era uma vez (contos de Grimm), edição para as crianças, que também foi citada por Fanny em seu livro "Literatura Infantil gostosuras e bobices", também descreve sobre a estrutura dos contos de fadas, ela afirma que este gênero é muito rico para trabalhar com o público infantil, porque parte de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflitos) que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções para estes problemas, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, reis, princesas, rainhas, príncipes etc). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Os contos de fadas com esta estrutura fixa permitem aos autores, de um lado aceitar o potencial imaginário infantil, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real no momento certo.

Os contos de fadas são tão ricos que têm se tornado fonte de estudo de muitos profissionais nos dias de hoje, psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada um vem dando a sua interpretação de maneira aprofundada de acordo com o seu eixo de interesse. Entre eles aparece Bruno Bettelheim que é um destes estudiosos. Ele alerta sobre o equívoco enorme que podemos cometer no momento que tentamos explicar para uma criança porque um conto de fada é tão cativante para ela, isto pode destruir, acima de tudo o encantamento pela história, e este encantamento só acontece pelo fato da criança não saber absolutamente porque está maravilhada.

"Se abrirmos o jogo e acabarmos decodificando a história para criança, esta história então perderá o seu potencial de ajudá-la a lutar sozinha e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história estimulante para ela". Todas ou quaisquer interpretações adultas por mais corretas que sejam, roubam da criança a possibilidade de sentir que ela mesma possa ter através de repetidas audições e de pensar muito a respeito da história. É importante que ela consiga enfrentar com êxito esta situação difícil, é muito importante para a criança. Todos nós crescemos,

encontramos sentido na vida e em nós mesmos, por termos entendido ou resolvido problemas pessoais e não por eles nos terem sido explicados por outras pessoas.

É fundamental para o desenvolvimento infantil que a criança descubra sozinha como resolver problemas e descobrir-se como uma pessoa capaz de conhecer e aprender, é imprescindível para a sua formação humana dentro de uma sociedade cheia de desafios e problemas a serem resolvidos. Segundo Bettelheim, educador e terapeuta de crianças gravemente perturbadas, quanto mais tentamos entender a razão destas histórias (os contos de fadas) terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais podemos perceber que estes contos, num sentido bem mais profundo do que os outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente comprehende e sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe, oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes.

Os contos de fada transmitem a criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável e é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida mais se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1980, P.14) Para ele os contos de fadas são enriquecedores e satisfatórios para as crianças, pois através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos e sobre as soluções corretas para os seus problemas.

Desta forma os contos de fadas propõem desde bem cedo para a criança uma forma de ir se familiarizando com esta estrutura social na qual está crescendo e se desenvolvendo, isto se este momento não for deturpado por um adulto que vê a criança como um ser incapaz de entender por si só a narrativa ao seu tempo. Este alerta é muito importante para nós educadores refletirmos sobre como estamos fazendo este momento de contação de histórias na sala de aula? Será que temos roubado esta possibilidade apontada pelo psicanalista Bruno Bettelheim, de deixar que as crianças por si só descubram o porquê do

encantamento pela história? Se isto estiver acontecendo sabemos que precisamos nos auto-avaliar para que no futuro essas crianças não venham a se tornar pessoas dependentes sempre de outros para saber o que fazer ou qual atitude tomar na vida diante de seus problemas pessoais.

Conto popular

É um dos mais antigos gêneros literários que existem na tradição oral. Têm como características marcantes: tempo e espaço indefinidos; a disputa entre fortes e fracos, ricos e pobres; a vitória do bem sobre o mal. Pode ser subdividido em:

Contos de fadas: histórias que tem como personagens reis, rainhas, príncipes, princesas, pessoas simples que passam por terríveis situações, na maioria das vezes causadas por seres sobrenaturais, como bruxas, ogros, gigantes, etc., e que só podem ser salvos com a ajuda de objetos mágicos ou de outros seres não menos sobrenaturais, como fadas, magos e anões. No final, o bem sempre vence o mal. Dão ênfase às questões espirituais, éticas e existenciais. Têm por objetivo a realização interior do ser humano. Estes contos chegaram até nós graças a algumas pessoas que sempre acreditaram na importância deles. Os mais conhecidos pesquisadores, coletores e escritores de contos de fadas são: Charles Perrault (este francês coletou, adaptou e organizou as histórias num livro intitulado como “Contos da mãe gansa”, onde estão contos como “o gato de botas” e “o pequeno polegar”), Irmãos Grimm (estes alemães coletaram e organizaram histórias que recolhiam em suas viagens pela Alemanha. As mais conhecidas são: Branca de Neve e os Sete Anões, João e Maria e Chapeuzinho Vermelho) e Hans Christian Andersen (Dinamarquês que escreveu a maioria de suas histórias, como: o Patinho Feio, A sereiazinha e A pequena Vendedora de Fósforos).

Contos maravilhosos: são histórias sem a presença de fadas. Desenvolvem também num ambiente mágico (animais, gênios, plantas, objetos mágicos, ogros e duendes). Enfatizam a parte material, sensorial e ética do ser humano. Têm por objetivo a realização do herói ou da heroína mediante conquista de tesouros e outros bens materiais.

Contos de repetição: são histórias que determinado incidente se repete sem necessariamente se acumular com a situação anterior.

Contos acumulativos: são histórias em que as frases se repetem acumulando as situações, tornando o conto longo e quase sem fim.

Contos de animais: são histórias de animais que agem e vivem como seres humanos.

Contos etiológicos: são histórias que foram inventadas para explicar alguma situação, característica e personalidade de qualquer natureza.

Contos de adivinhação e suspense: são histórias em que a vitória do herói ou da heroína depende da solução de uma adivinhação, de um enigma, de uma charada, da decifração da origem de certos objetos ou da tradução de gestos.

Contos de exemplo: são histórias que possuem um exemplo a ser seguido.

Contos religiosos: são histórias com a intervenção divina.

Contos de humor: são histórias alegres, onde o herói ou a heroína são geralmente tolos, ingênuos, muito humildes e passam por situações absurdas, engraçadas. Geralmente saem vitoriosos no final.

Medo, como um dos contos de Grimm traduzido por Ana Maria Machado, “O homem que saiu em busca do medo” (está no volume Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm). Este conto mostra a história de um rapaz que quer aprender a se arrepia e para isso ele enfrenta monstros, fantasmas, mortos, mas não consegue se arrepia... Depois das mais tenebrosas e incansáveis tentativas ele descobre que só sente arrepios se alguém lhe fizer cócegas..... (mostrando que o que pode provocar medo é diferente para cada um, às vezes o que pode nos causar muito medo, nem faça cócegas em outra pessoa).

Os medos estão presentes no nosso dia a dia, medo de escuro, medo de injeção, medo de cachorro, lobisomem, de ladrão, de dentista, de vampiros, de levar cascudo, de ser reprovado na escola. Temores reais ou imaginários, relacionados à escola,

temor dos mais fortes do grupo e do próprio ridículo... Medos que todos convivemos e sentimos, uns numa intensidade outros

noutra, um de um jeito outro de outro, o importante é aprendermos a enfrentar, a desviar, superar, a substituir, com os quais nós aprendemos a conviver e a lidar durante a vida. Neste conto há muito que trabalhar com as crianças, ao ouvi-las podemos identificar os seus medos e trabalhar com elas para que possam aprender a se desviar dele ou substituí-lo por outro que possa lidar.

Grimm

Na Alemanha no século XVIII, foram os irmãos Grimm, – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) - linguistas e folcloristas, por 13 anos colecionaram histórias recolhidas da tradição oral, esperando caracterizar o que havia de mais típico no espírito alemão. Publicaram um primeiro volume em 1812, que continha o que recolheram em Hessen, nos distritos de Meno e Kinzing, do condado de Hanau, onde nasceram. O segundo volume foi concluído em 1814. A maior parte das lendas do segundo volume foi-lhes contada pela senhora Viedhmaennin, uma camponesa oriunda da aldeia de Niedezwehn, perto de Kassel. Jacob era o mais intelectualizado dos irmãos, mas Wilhelm era quem detinha o entusiasmo e inspiração da poesia; juntos chegaram a editar 210 histórias, a maior parte delas encontrada nos dois volumes originais. São deles as estórias: Pele de Urso, A Bela e a Fera, A Gata Borralheira e João e Maria(PAVONI, 1989).

Hans Christian ANDERSEN (1805-1875)

De nacionalidade dinamarquesa, seu pai era sapateiro e sua mãe lavadeira. Sua vida foi como seus contos de fadas onde meninos e meninas pobres passam por horríveis humilhações e, como por magia, chegam a experimentar situações maravilhosas. Obteve fama pelo seu trabalho ainda em vida. O romantismo da época, com seu entusiasmo pelas tradições e lendas populares, provocou a aparição de amplo repertório de contos, onde o lirismo se alterna com o grotesco, e o encanto oferece faces dramáticas. Pela emoção, fantasia e lirismo de seus Contos, Andersen tem encantado várias gerações de crianças e adultos. Antes de falar sobre o Amor decidimos colocar um pouco sobre a

biografia do autor do conto “O soldadinho de chumbo”, escrito por Andersen extraído do livro Contos de Andersen. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, p. 152, que nos mostrará através de sua história cheia de fantasias a trajetória de um soldadinho apaixonado.

A história conta que o soldadinho de brinquedo, com seu fuzil ao ombro se apaixona por uma pequena, linda e delicada bailarina que mora num belo castelo de papel (os dois juntos com os outros brinquedos vivem em um canto da casa...). Depois de ter sido posto num barco de papel pelos meninos, ter navegado quase se afogado, ter sido comido por um peixe, volta para casa; é quando um dos garotos, num gesto, o joga na lareira, onde o soldadinho se derrete olhando a suave bailarina que, num único passo, voa também para dentro da fogueira...

“O soldadinho então se derreteu, transformando-se numa bolinha de chumbo, e quando, no dia seguinte, a criada tirou as cinzas, viu que a bolinha tinha a forma de um coraçãozinho de chumbo. Da bailarina só restava a lantejoula queimada, preta como carvão. “Meio que fez queimar também o coração do leitor sentir que a morte do amado pode levar ao suicídio a amada que, dessa relação de encantamento mútuo, feita através de olhares, fica um símbolo forte e indestrutível: a marca do sentimento.”(ABRAMOVICH,1997,p.126)

Características de uma boa obra para crianças

Imaginação: a criança é levada a desconfiar dos livros, que lhe vêm tolher o melhor dos bens: a liberdade. Tudo que na infância, impede o movimento é feito contra a natureza e suportado a contragosto. O próprio adulto sente-se atraído pela fantasia, e na verdade nunca a deixa completamente, ao tornar-se “gente grande”.

Dramatismo e a movimentação: a criança, irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, irá interessar-se naturalmente pelos livros onde a todo momento apareçam fatos novos e interessantes, ou até mesmo recursos e situação imprevistas. Como diz Sara Bryant: Não se trata do que pensaram as pessoas, ou do que sentiram, mas do que fizeram. (BRYANT, p. 23)

Desfecho feliz: requisito essencial, sobretudo para as crianças mais novas. Se o adulto é capaz de ler um livro ou ver um filme que acabe mal, sem deixar de apreciar o livro ou o filme, tal não se

pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, e o final desagradável a feriria inutilmente.

Uma boa técnica de desenvolvimento: indispensável a obra. O autor terá mais sucesso se evitar descrições longas. Ela interrompe o desenvolvimento, é o que nos lembra Monteiro Lobato quando ressalta que as narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário". (A BARCA..., p. 22)

Qualidades da forma: deve ser igual a dos adultos, só que melhor. A criança percebe, ainda que confusamente, se a obra é boa ou bem escrita. É a mesma coisa que acontece com o adulto quando lê pela primeira vez um texto: fica-lhe uma boa impressão ou má. Usar da simplicidade mesclada com mistério é muito importante para a criança, inclusive histórias acumulativas, pois isso agrada muito a criança, principalmente a dramatização. France (1968) diz que, um erro em que caem frequentemente os que fazem literatura infantil é o tom moralizador, pois surge do alto e nobre intuito de educar, comum e indispensável aos educadores. É preciso levar em conta a psicologia da criança, com seus interesses próprios.

Para os adultos o que importa nos contos infantis é a finalidade. Mas para a criança a coisa é diferente, interessa-lhe menos a finalidade do que o caminho que à finalidade conduz. Se ela percebe desde logo que a leitura é apenas uma forma de educação, e portanto, mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação. (AMOROSO, 1968, p. 11) Mesmo ótimos escritores infantis incorreram nesse erro: tal é o caso de Carlo Collodi. Para ela não se quer dizer que o objetivo de educar deva estar ausente do livro: a questão toda se resume em como apresentar a "lição". A moral que surge dos próprios acontecimentos da história e que a criança assimila espontaneamente, e até imperceptivelmente, a moral apenas sugerida, tem muito mais utilidade, porque consegue penetrar a criança.

Segundo Cunha (1968, p. 12), há obras não direcionadas para crianças que podem agradá-las. Por exemplo: Daniel Defoe, que não se dirigiu as crianças para escrever as "Aventuras de Robinson Crusoé". Swift, do mesmo modo, visava os adultos, em crítica ferina, ao imaginar as viagens de Gulliver. No entanto, meninos e jovens do mundo inteiro os lêem. E também por outro lado, o bom livro feito para crianças tem o poder de agradar os adultos. Quem não se encanta lendo contos como Alice no País

das Maravilhas, se emociona na história do Patinho Feio, se diverte com as façanhas de Emília ou com as aventuras de Tom Sawyer? Alguma coisa haverá de comum em todas estas obras. Feitas ou não para o público infantil, conseguem interessar a criança, porque há em todas elas as características que a infância exige, inconscientemente, ao adotar um livro de um determinado autor.

A obra adequada para cada fase

Segundo Dohme (2000, p. 26), “para orientar a escolha das histórias é importante saber exatamente os assuntos preferidos relacionados às faixas etárias.”

1,2 anos: Nessa idade a criança ainda não se prende a uma história. É o movimento, o tom de voz e o colorido das obras que irão despertar sua atenção. A leitura deve ser composta por frases soltas, curtas, com assuntos presentes na realidade da criança, utilizando palavras simples, próximas de seu vocabulário.

2,3 anos: As histórias devem continuar curtas, com poucos detalhes e personagens. A criança nessa idade vive a história como se fosse real. Tudo tem vida. Há interação com os personagens e os acontecimentos, com a tentativa de explicar e mostrar como são. Histórias de bichinhos, de brinquedos, animais com características humanas (falam, usam roupa, tem hábitos humanos), histórias cujos personagens são crianças.

3 a 5 anos: Pouco a pouco as histórias passam a ser mais elaboradas, com maior riqueza de vocabulário, embora simples e de fácil compreensão. A criança, nessa fase, ainda se assusta com facilidade, por não separar completamente realidade de fantasia. É preciso tomar cuidado com o tom de voz, os personagens malvados, fatos muito assustadores... Faz parte de seu desenvolvimento essa fase do medo e, conhecendo-a, não devemos utilizá-la como suporte para ensinamentos ou lições de moral. Também é comum a leitura visual das imagens, onde a criança cria sua história a partir da sequência presente no livro, sem se prender ao código escrito. Histórias com bastante fantasia, histórias com fatos inesperados e repetitivos, cujos personagens são crianças ou animais.

6,7 anos: É um momento novo. Às vezes com dificuldade, as crianças começam a ler, decifrando o código escrito e apropriando-se do texto. As histórias continuam curtas, com vocabulário simples e usual, contendo assuntos que façam parte do cotidiano das crianças, mesmo que subjetivamente. Aventuras no ambiente conhecido (a escola, o bairro, a família, etc.), histórias de fadas, fábulas.

8,9 anos: É a fase das histórias engraçadas, bem-humoradas. Os gibis são ótimos, pois aliam essa característica à questão estética de um texto leve, de fácil compreensão, rápido de ler e com personagens que fazem parte da realidade vivenciada de cada criança. Nessa idade, normalmente, as crianças já dominam a leitura e são capazes de fazerem interpretações.

9,10 anos: A partir dessa idade, a criança passa a interessar-se por textos mais longos, com histórias mais ricas e com maior número de personagens, diálogos e situações diversas. Os temas mais atraentes a essa fase são as aventuras, as ficções fantásticas e histórias reais.

11 anos em diante: O interesse vão crescendo dos fatos reais, polêmicos, à realidade social. Mas também há interesse nas grandes aventuras, nas invenções e histórias de futuro, de séculos posteriores e do fim do mundo.

Como a poesia é considerada

A poesia não é mais que uma brincadeira com as palavras. E nesta brincadeira, de acordo com José Paulo Paes, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado. (ABRAMOVICH, 1989, p. 67)

A poesia tem um papel indispensável no processo pedagógico. É um gênero quase natural para a infância. Ao contrário do que possamos imaginar, metáforas e estruturas heterodoxas não são difíceis para as crianças. O que são poemas, afinal, senão brincadeiras com palavras e sentidos? Muitos professores trabalham com a poesia infantil por ela ser geralmente curta e de fácil aplicação em sala de aula e, por apresentar estruturas que brincam com o ritmo e a musicalidade, torna-se muito atrativa às

crianças, sendo uma categoria textual capaz de despertar leitores de qualquer faixa etária. Ela desperta a sensibilidade e os valores estéticos, aprimora as emoções e a sensibilidade, aguça sensações, etc. Brinca com múltiplos significados, materializa o prazer, torna a criança receptiva às manifestações de beleza. É comunicação, fonte de saber. É profundidade.

Abramovich (1989) ressalta que desde muito cedo, a criança já entra em contato com a linguagem poética, materializada através de diversas manifestações, como as cantigas de roda, travá-línguas, par lendas, adivinhas, etc. Muitas vezes, a criança já chega à escola com um riquíssimo repertório de linguagem poética. O uso que a escola fará desta bagagem que a criança traz consigo será determinante no processo de formação do leitor e de sua experiência com o texto poético.

"Nascida em fins do século XIX e expandindo-se nos primeiros anos do século XX, a poesia infantil brasileira surge comprometida com a tarefa educativa da escola, no sentido de contribuir para formar no aluno o futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos. Daí a importância dos recitativos nas festividades patrióticas ou familiares, e a exemplaridade ou sentimentalidade que caracterizavam tal poesia. (COELHO, 2000, p.224)

As rimas

As rimas – um recurso poético – são tão gostosas de ler e ouvir quando bem escolhidas, bem trabalhadas!... Não podem ser postas sem nenhum critério, pois há regras poéticas que as definem bem: podem vir intercaladas, rimando à primeira com a segunda linha, ou então de outro jeito, dependendo do tipo de versificação que cada poeta escolhe para cada poema que faz.

As dificuldades de ser criança

A narrativa Peter Pan, escrita James Barrie, um escocês em 1904, nos deixa uma mensagem muito bonita sobre o universo infantil sendo invadido pelos anseios dos adultos: conta a história, que Peter Pan ao nascer escuta os seus pais conversando sobre como ele seria quando crescesse, neste momento ele decide que não quer crescer e ser um adulto e decide que quer ser para sempre uma criança. Este momento da história nos faz refletir sobre o quanto as expectativas do adulto com relação à criança pode assustá-la ou até mesmo afastá-la a ponto de recusar a ideia de um dia também se tornar um adulto.

É muito difícil viver sob a sombra das expectativas do outro e nunca poder ser quem realmente quer ser. No conto também

percebemos como Peter Pan se preocupa com que as crianças acreditam no mundo da fantasia, ou seja, nas fadas, que elas não percam a sua essência de imaginar que podem estar em outros lugares quando ainda continuam no mesmo lugar, é importante para as crianças explorarem esse campo da imaginação, e com isso conseguirem enfrentar as dificuldades que aparecerão durante a vida.

Acreditar em fadas, papai Noel, super-heróis é muito significativo para os pequenos, pois ter um aliado quando se enfrenta um problema é muito gratificante, nós nos sentimos mais fortes e encorajados. Mesmo quando crescemos continuamos com a necessidade de acreditar que existem forças superiores a nós que nos ajudam a resolver os nossos problemas, então porque não deixar que as crianças façam também o uso desta necessidade que é essencialmente humana?

Carência

A carência também é assunto que aparece em vários contos, porém como exemplo, trazemos uma história de Andersen, o conto

“A menina dos Fósforos”, extraído dos contos de Andersen. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.355, que é bastante comovente, e faz refletir sobre a injustiça social cruel e desumana a qual algumas crianças podem estar enfrentando cotidianamente. O conto fala de uma menina que, tremendo de frio, de fome, numa terrível e gélida noite de Ano Novo europeu, vendo as luzes, a comida, as árvores alegres de Natal em todas as casas por onde vai passando, e ela só tem uma caixa de fósforos para vender... E, querendo ver melhor aquele mundo, querendo se aquecer mais, vai acendendo um a um de seus fósforos, e cada pequena chama a faz imaginar coisas bonitas, boas, iluminadas, maravilhosas, até que recebe o abraço de uma avó, já morta, que a leva para as alturas, para junto de Deus, onde não há fome, frio nem medo.

Esta narrativa nos faz pensar no que realmente uma criança precisa para crescer de maneira digna e ser feliz, proteção, amor, comida, agasalho, teto são fatores indispensáveis para que isto ocorra. Podemos também utilizar esta narrativa para

trabalharmos com as nossas crianças as suas carências, as suas ansiedades, os seus direitos enquanto cidadãos.

Autodescobertas

Este é um assunto bem exposto na narrativa “O patinho Feio”, extraída do livro de Contos de Andersen (que tem muito de autobiográfico). Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 240.

Nós podemos enxergar neste conto a busca pela descoberta da própria identidade, o que é fundamental para o crescimento. O conto narra a história de um patinho que desde seu nascimento foi maltratado, ridicularizado, bicado (por outros patos e galinhas) por ser feio.... Rejeitado pela mãe, pelos irmãos, foge e continua sendo martirizado e desprezado por sua feiúra, por todos que o encontra em sua triste e melancólica caminhada... E foge cada vez mais assustado, nunca compreendido (inclusive pela velha com quem mora um tempo). Fugindo de novo, atravessa um frio gélido e finalmente se aproxima duma lagoa plácida, onde deslizam belos cisnes, que não só o reconhecem de imediato, como um dos seus, e mais ainda o elegem o mais belo e formoso dentre eles!

Contar esta história para as crianças é possibilitar o seu desenvolvimento na busca da sua identidade, identificando as semelhanças e diferenças entre as pessoas, mesmo que inconscientemente, fazendo descobertas a respeito de si mesmas, como por exemplo, se ela se parece mais com seu pai ou com sua mãe, se seus cabelos são da mesma cor que o do seu pai, etc.

"...O poder de se encontrar, se conhecer, depois de ter sido o patinho feio, que só se percebe cisne após descobrir sua identidade (o que significa percorrer uma trajetória longa, difícil e muito sofrida..) ai a beleza é total!!! É então que nos sentimos capazes de enfrentar o dragão, o gigante, o ogro, o monstro, ou o nome que tenha no nosso dia a dia, enfim, aquele que pensamos ser maior ou desconhecido, ou inatingível, ou cercado de forças inabaláveis e poderosas..."(ABRAMOVICH, 1997, p.135)

Perdas e buscas

Os contos de fada também falam de perdas, buscas, abandonos, de esquecimentos, de quem um dia foi significativo, marcante, mas que, por várias razões (até mesmo a morte já não toca ou comove...) é esquecido. Andersen conta isso linda, triste e poeticamente em “O pinheirinho”, onde uma bela árvore abandonada, renegada, após ter vivido uma experiência inesquecível numa noite de natal, e que a cada novo dia espera um novo momento belo e cálido, um novo aconchego, uma nova audição de histórias emocionantes a sua volta, que nunca acontecem... Ao ser levado para fora da casa, imagina um recomeço de vida. Mas é cortado, transformado em lenha, e gemendo, gemendo... Vai sendo queimado... (como permitimos que aconteça com nossos avós, nossos sábios, nossos antigos ídolos).

Este conto nos dá a possibilidade de trabalharmos com as crianças as mudanças de fases da vida aceitando uma nova etapa, as perdas, falando para elas que isto faz parte do seu crescimento e desenvolvimento humano.

Transmissão de valores através das histórias

Os valores são fundamentos universais que reagem a conduta humana. São elementos essenciais para viver em constante evolução, baseada no autoconhecimento em direção a uma vida construtiva, satisfatória, em harmonia e cooperação com os demais. (DOHME, 2000, p.22)

As histórias são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto. Abramovich (2000) ressalta que a criança é incapaz de raciocinar no abstrato. Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos ou esforços louváveis que interferem no comportamento social do indivíduo, gerando consequências na sua vida, não podem ser entendidos com esta clareza pelas crianças. Só nós adultos, com tanta vivência, muitas vezes nos perdemos na tentativa de associar tendências a fatos, tendo dificuldade de prever se determinada atitude levará a melhor situação, o que pensar das crianças com pouca experiência e com um mundo todo a descobrir.

As novas gerações possuem uma nova visão de mundo, os interesses são outros e a forma de aprendizagem e crescimento também é outra. Sofreu alterações e com isso a educação deve ser atenta em acompanhar essa evolução, sem, portanto, deixar de mostrar a importância e a necessidade de se conservar "valores base", que a qualquer época, independente da evolução do mundo, precisa-se ter para haver convívio e relacionamento entre as pessoas. Vivemos em um mundo onde a sociedade prega a competição, a individualidade e o egoísmo, é preciso que educadores e educandos saibam que apesar de toda dificuldade em conseguir alcançar os objetivos, por causa da competitividade, há como conseguir, sendo honesto, generoso, justo, solidário e agindo com ética. É preciso mostrar ainda, que mesmo enfrentando enormes dificuldades no mercado de trabalho e no social, a melhor forma de conseguir espaço é batalhando para conquistá-lo.



A escola tem o papel fundamental, pois o educador precisa transmitir os princípios para seus alunos, visto que esse serão norteadores de sua própria vida, inclusive colocando seu ponto de vista diante de uma determinada situação. A criança necessita de bases morais bem definidas, de forma que saiba como

proceder ao se deparar com pequenos ou grandes problemas, questionando o que não lhe é aceito e nem aceitando tudo o que lhe é colocado.

A história trará esse referencial, transformar o abstrato em concreto. Frank (1968) ressalta que os pais precisam tentam compreender as necessidades atuais das crianças, conhecer o que estão lendo, vendo ou ouvindo; orientá-las (sem insistência) para outras leituras e outros programas; o importante é não forçar, e sim deixar fluir naturalmente.

Vejamos alguns valores que podem ser trabalhados com crianças:

Alegria: Boa disposição para fazer as coisas. Propensão a ver e mostrar o lado divertido das coisas.

Compartilhar: Dividir suas coisas com os demais. Reconhecer o direito ou o legítimo desejo das outras pessoas usufruírem igualmente de pertences ou oportunidades.

Coragem: Resolução, perseverança, firmeza perante situações novas e desafiantes.

Disciplina: Obedecer ordens pré-estabelecidas, combinadas e anteriormente aceitas. Capacidade de praticar atos que resultem no aprimoramento de si próprio ou de sua comunidade.

Igualdade: Reconhecimento de direitos iguais a todas as pessoas. Não se ater a preconceitos e tratar todas as pessoas da mesma forma.

Paciência: Ter resistência para suportar os reveses. Tranquilidade para esperar. Aceitar as características e limitações dos demais. Entender que cada um tem seu “ritmo” e saber conviver com isso.

Respeito: Atenção às outras pessoas. Consideração pelas suas opiniões e atitudes.

Tirando um maior proveito das histórias

Uma coisa é indiscutível: para se falar em público, mesmo que seja simplesmente contar uma história para um pequeno grupo de crianças, não se utiliza a voz da mesma forma em que uma conversa coloquial entre duas ou três pessoas. Deve-se ter

consciência de que a voz está sendo usada para comunicação com um grupo. Isto faz com que a atenção seja diferente, a distância entre as pessoas maior, além do objetivo a ser alcançado ser outro. (DOHME, 2000, p. 40)



Alguns elementos são fundamentais para que a platéia entenda o que está sendo dito e aproveite o conteúdo da mensagem. Estes elementos estão ligados principalmente à voz e são:

Dicção: É frequentemente culpada quando uma mensagem não é entendida. Se as palavras não forem bem pronunciadas, a mensagem é recebida de forma truncada, porque a não-compreensão de uma palavra pode levar à incompreensão de toda a frase, e não entender uma frase pode prejudicar o entendimento de toda a história. O pior é que, se a dicção for ruim, não é só uma palavra que não é entendida, são várias. De acordo com DOHME (2000, p. 41), o primeiro passo é tomar o cuidado de pronunciar de forma clara dada uma das sílabas que compõem a palavra, sentindo cada um dos seus sons. Problemas mais comuns: R, S e L no final das palavras devem ser

cuidadosamente pronunciados. Encontros de vogais no meio da palavra: ae, ei, ou, etc. Principalmente o i é muito esquecido quando se encontra no meio da palavra: peneira, madeira, etc. Encontros consonantais: br, dr, pl, gr, tr, etc. Sóbrio, sobrado, dramático, grupo, etc. Troca do l no final da palavra por u: Brasiu (no lugar de Brasil). Outra atenção que se deve ter é dar espaço entre uma palavra e outra, procurando não emendar as palavras de uma mesma frase. No final das frases, onde há vírgula ou ponto, o espaço deve ser um pouquinho maior.

Volume: Embora pareça ser uma coisa simples, o principal problema que impede a compreensão de um discurso ou narração é quando ele é feito em voz muito baixa. As pessoas simplesmente não escutam. Cada ambiente exigirá um volume de voz adequado e isto precisa ser avaliado. Os seguintes fatores devem ser levados em conta: distância entre o narrador e sua platéia, o tamanho e a acústica da sala e os ruídos externos.

Velocidade: De acordo com Dohme (2000, p. 43), “a velocidade pode ser medida pelo número de palavras que uma pessoa pronuncia em um espaço de tempo determinado e está ligada à dicção. Cada narrador, segundo ela, tem uma velocidade na fala, isto é uma característica individual. Mas deve-se cuidar quando esta velocidade influí na compreensão do texto. Variar a velocidade da voz pode auxiliar na interpretação do texto: falar mais rápido pode passar mais emoção, um sentimento de urgência, e falar mais devagar é adequado quando se deseja passar um sentimento de paz, harmonia, serenidade.

Tonalidade: Os sons classificam-se em graves e agudos. Cada pessoa tem o seu registro vocal próprio, mas facilmente pode alcançar alguns tons abaixo e acima desse registro. Isto será suficiente para conseguir efeitos surpreendentes. A adoção de certos estereótipos ajuda a compreensão do texto, por exemplo: meninas têm fala aguda, falam “fininho”, homens corajosos e ursos sempre falam grosso, grave, velhinhos falam levemente agudo e tremido, fadas adocicado e bruxas têm voz aguda e estridente.

Vocabulário: O correto é usar palavras simples, das quais se tem a certeza absoluta de que as crianças as entenderão. Jamais usar gírias ou palavras vulgares: isto desprestigiará o conto e poderá dispersar a atenção das crianças. Contar histórias e mais do que falar bem, é ser um pouquinho ator; é interpretá-la. E às vezes, é necessário, além de narrar, interpretar um, dois e até mais

personagens. Por isso, alguns aspectos são importantes e favorecem neste momento mágico:

Expressão corporal: O bom narrador não se senta e fica falando, impávido. O corpo deve acompanhar o que está sendo descrito. Todo corpo fala: a posição do tronco, os braços, as mãos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações faciais e a expressão dos olhos. Os gestos devem estar sempre coerentes com a narração.

Comunicação do semblante: As emoções do nosso interior são transmitidas através da expressão do rosto. Tristeza, alegria, surpresa, espanto... A expressão facial poderá falar mais do que muitas palavras.

Uso do silêncio: Pode parecer engraçado, mas o silêncio fala, e é uma forma de expressão. O narrador deve utilizar pausas, pois elas dão uma sensação de suspense e, consequentemente, valorizam o que se falará em seguida. Além disso, paradas bem estudadas dão tempo para as crianças organizarem suas idéias. Mas se a pausa for muito longa, dará espaço para alguma brincadeira ou conversa que poderá dispersar a atenção.

Fazer imitações: é um instrumento muito útil em se tratando de narração de histórias infantis. A imitação traz a brincadeira, é essencial , e as crianças estão sempre prontas para isso. Por exemplo: o monstro fala grosso, grave, alto, e pausadamente. O seu corpo é truculento, o que se consegue mostrar com as pernas afastadas e “arredondadas”, com o pescoço esticado movimentando-se em conjunto com a cabeça.

Elementos externos: os narradores habilidosos poderão utilizar alguns (poucos) recursos, sem que isto descaracterize uma simples narração. Pode utilizar objetos, figuras, recursos sonoros, entre outros.

Propostas para incentivar a leitura

A narração de uma história poderá ter diversas técnicas como suporte, cada qual constituindo-se em um novo desafio para os educadores no tocante a aperfeiçoar seu conhecimento de aplicação. Não se pretende aqui apontar procedimentos ou receitas para o incentivo à leitura, pois há de se levar em conta as características do grupo que se trabalha, da realidade em que o mesmo está inserido, bem como as necessidades do educando.

Dohme (2000) ressalta que, podem ser usadas várias técnicas como suporte para os educadores aperfeiçoarem seu

conhecimento de aplicação na narração de uma história. Alguns exemplos: usar o próprio livro, gravuras, figuras sobre o cenário, fantoches, dedoches, teatro de sombras, dobraduras, poesias, maquete, bocões (tipo ventríloquo), marionetes, interação com a narração (poderá ser feita uma canção para ser usada em momentos-chaves), efeitos sonoros e sensitivos, enfim, não há limites para a criatividade.

A literatura infantil na escola

Segundo Zilberman (1998), a criança define-se assim, ela própria, com referência ao que o adulto e a sociedade esperam dela. Ele é o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se.

A escola é fundamental nesse processo, pois irá assumir dois papéis: o de introduzir a criança na vida adulta, mas ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior. Em vez de um convívio social múltiplo com pessoas de variada procedência, reúne um grupo homogeneizado porque compartilha a mesma idade, e impede que se organize uma vida comunitária, já que todos são obrigados a ficar de costas um para os outros, de frente apenas para um alvo investido de autoridade – o professor.

Contação de histórias e interação social

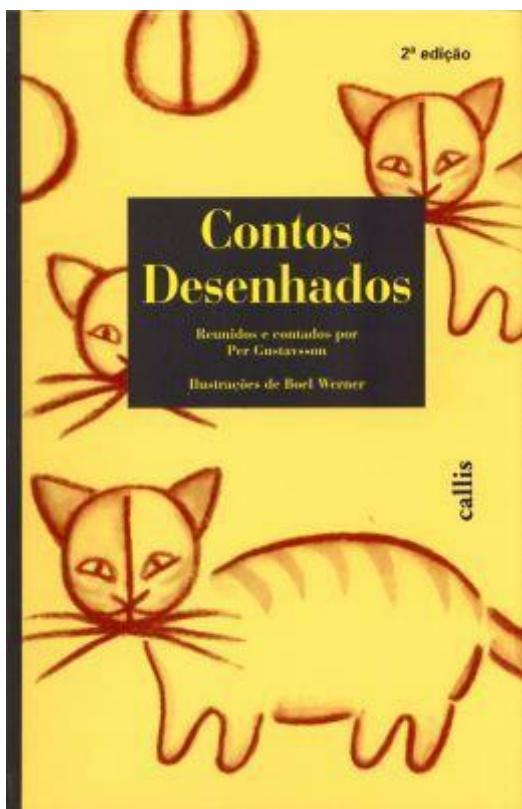
A contação de histórias é uma atividade interativa, potencializadora da linguagem da criança como espaço de recuperação do sujeito ator e autor de seu desenvolvimento. As crianças, enquanto interagem no mundo da fantasia, expressam suas opiniões.

Aspecto mais importante da interação social é que ela provoca uma modificação de comportamento nos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelece entre eles. Por isso, fica claro que o simples contato físico não é suficiente para que haja interação social. Por exemplo, se alguém se senta ao lado de outra pessoa num ônibus, mas ambos não

conversam, não está havendo interação social (embora a presença de uma das pessoas influencie, as vezes, um pouco o comportamento da outra).

Contos desenhados

Todos nós sabemos que a formação de um leitor começa quando ele ouve histórias. Estes contos oferecem uma oportunidade inovadora que é a de contar e desenhar a história ao mesmo tempo, despertando no leitor ouvinte uma curiosidade jamais experimentada. Os contos reunidos neste livro são singelos, gostosos e muito fáceis de desenhar. Ao lado de cada história, um desenho de referência é desenvolvido passo a passo. O sucesso com as crianças é garantido. Per Gustavsson é contadora de histórias em Ljungby, Suécia.



Não existia quase nada escrito em sueco sobre contos desenhados. Tampouco havia registros sobre eles no arquivos históricos do país. Isto não significa que o gênero seja novo, mas apenas que os que coletam e registram lembranças do folclore não se preocuparam em registrar este aspecto da cultura popular.

As histórias desenhadas, como gênero, podem se enquadrar em diferentes áreas de pesquisa. Não são considerados contos

tradicionais nem poemas. Nem pertencem ao gênero de arte pictórica. Histórias desenhadas unem historia com imagem e pertencem à tradição de contar histórias. Quando apenas escritas, elas chegam a parecer até banais, pois é na forma de contar e ilustrar que se tornam realmente fascinantes. Tiveram sua origem pelo menos na segunda metade do século XIX. O arquivo dos dialetos e memória do folclore de uppsala (cidade e município da Suécia, famosa por ser uma cidade universitária) possui uns vinte registros de contos desenhados. Na maioria, trata-se de variantes da conhecida história “O gato”. Os mais antigos são dois registros de 1896. Nas últimas décadas, somente umas poucas histórias desenhadas foram publicadas em antologias e manuais. O recém-despertado interesse pelos contos desenhados está ligado a ampliação da Educação Infantil e pelo fato de a literatura infantil ter conquistado mais espaço na pedagogia, depois da segunda grande guerra.

Muitos professores tiveram o primeiro contato com os contos desenhados durante sua formação acadêmica, e descobriram que as crianças realmente se interessam por essa forma de narrativa. Essas publicações são muito limitadas, e muitas das versões nelas estampadas são repetições das já conhecidas. Estes contos estimularam e inspiraram educadores a criarem outros contos.

O conto do gato, que termina em um desenho de gato feito pelo próprio contador é uma brincadeira muito conhecida na Suécia. Dele existem outras versões, o que se aplica à poesia, à prosa e aos relatos folclóricos também se aplica aos contos desenhados. Com o passar dos anos, eles vão se modificando ao serem transmitidos de geração para geração. Mesmo que a essência permaneça a mesma, cada contador passa a contar e a desenhar a história a seu modo.

O gato

Era uma vez um velho e uma velha que moravam numa casa.



Num dia de inverno,
a velha foi até o poço buscar água.
Ela desceu a colina quando,
tchum!, escorregou e caiu.
A velha levantou-se devagar,
mas não conseguiu andar muito.
Tchum!, caiu novamente.



Um dia brigaram
e dividiram a casa ao meio.



Novamente ela se levantou
e andou um bom pedaço, com muito cuidado.
De repente, tchum!, escorregou de novo.
Mais uma vez, levantou-se,
e, tchum!, tornou a cair.
De pé novamente,
ela conseguiu chegar ao poço.



A velha queria uma porta.
O velho também queria.



A velha colocou uma trave na sua porta.
O velho também colocou.



Do lado de fora da porta, a velha colocou galhos de pinheiros.
O velho fez a mesma coisa.

Mas — Uí! — a velha caiu no poço.
— Socorro! Socorro! — ela gritava.



A velha colocou uma janela
para poder espiar o velho quando ele fosse lá fora.
O velho também era curioso.
por isso também colocou uma janela.



O velho, lá da casa, ouviu os gritos da velha,
e correu até o poço,
passando pela colina.
Ele puxou a velha
e juntos voltaram para casa.
Eram amigos novamente.
E, ao chegar em casa, sabe quem encontraram
deitado no lado da lareira, aproveitando o calorzinho?



Fazia frio dentro da casa.
A velha colocou uma chaminé
para poder aquecer a casa.
O velho também colocou uma chaminé.



Gustavsson (2000) ressalta que, o que fez o conto do gato se tornar tão popular foi a singeleza, simplicidade e o final surpreendente. A história deslancha com bastante naturalidade e o gato é fácil de ser desenhado, independentemente de se ter ou não jeito para desenho. Esse é o grande segredo dos contos que ganharam muita popularidade. Houveram várias edições diferentes de livros com este conto, inclusive mudança na história algumas vezes. Por exemplo, na Noruega ele recebe um título diferente: "o gato das velhinhais" que é uma tradução das tradições folclóricas norueguesas, onde houve alteração também dos protagonistas. Esta é uma coletânea sueca de contos desenhados traduzida para o português. Ela contém tanto as histórias tradicionais como muitas outras, recém criadas. Além de lhe dar a oportunidade de aprender e desenhar historinhas, a coletânea vai incentivar as pessoas a inventarem as suas próprias.

Mas o livro não deve ser lido junto com a criança, pois nesse caso a magia do conto desaparecerá, uma vez que a criança irá saber de antemão o que vai acontecer. Gustavsson (2000) afirma que cada história deve ser contada sem o livro, assim o desenho poderá, aos poucos, ir tomando forma no papel. Assim, não precisa se sentir preso ao texto.

Quando for contar uma história, faça como os contadores sempre fizeram: aumente um pouco aqui, tire um pouco dali, de modo que o texto e o desenho se adaptem tanto ao seu jeito de contar quanto ao interesse das crianças que estão ouvindo. Quando lidas no livro as histórias podem parecer simplórias, mas será o seu modo de contar que dará vida a elas. Até mesmo o fim de cada texto fica muito melhor quando contada com entusiasmo. A criança vai desvendando o desenho no final da história.

Interação social

Toda a estrutura educacional está organizada com o intuito de promover a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano. Há diferentes visões e explicações para compreender a forma como um sujeito aprende e se desenvolve.

Todo Homem se constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros. Desde o nosso nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo.

"Para o processo interativo é importante a criança ter a possibilidade de falar, se expressar e levantar hipóteses, chegando assim a conclusões que ajudem o aluno a perceber parte de um processo dinâmico de construção."

Para um maior conhecimento sobre esse assunto, é essencial ter como base a teoria de Vygotsky. Ele idealiza o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida. Nesse referencial, o processo de ensino-aprendizagem também se constitui dentro de interações que vão se dando nos diversos contextos sociais.

A sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado de sistematização do conhecimento e o professor um articulador na construção do saber.

Segundo Vygotsky (1998), o meio afeta o indivíduo, provocando mudanças que serão refletidas novamente no meio, recomeçando o processo num processo que se assemelha a uma espiral ascendente. Dentro dessa perspectiva, ele considera a

aprendizagem como um processo social no qual os sujeitos constróem seus conhecimentos através da sua interação com o

meio e com os outros, numa inter-relação constante entre fatores internos e externos. O processo de transformação da aprendizagem de um processo que inicia social e vai tornando-se individual, foi chamado por Vygotsky de internalização.

A internalização dos processos psicológicos superiores, segundo Vygotsky, é,[...] a re-construção interna de uma operação externa [...] (1998, p.74).A interação social representa um elemento necessário ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento do indivíduo. A noção de interação é entendida como "ação entre/junto com". Assim interação é a ação conjunta e interdependente de dois ou mais participantes que produz mudanças tanto nos sujeitos como no contexto no qual a interação se desenvolve.

Numa interação social existem alguns elementos essenciais: a presença de pelo menos duas pessoas, e a relação de reciprocidade que se estabelece entre os participantes. Portanto, a interação social implica na participação ativa dos sujeitos num processo de intercâmbio, ao qual aportam diferentes níveis de experiências e conhecimentos. É claro que nem toda interação social implica numa aprendizagem, existindo categorias de interações das puramente sociais até as didáticas. É através dessas interações de caráter didático, que os sujeitos "aprendem", ou seja se apropriam do conhecimento, não como um objeto, que pode ser avaliado e observado independente do sujeito-observador, mas conhecimento como uma forma de ser, isto é, conhecimento como ação adequada num contexto determinado (SIMON, 1987). Em outras palavras, o conhecimento como interação pois,[...] conhecimento é, ao mesmo tempo, atividade (cognição) e produto dessa atividade. (MORIN, 1986, p. 247).

A Teoria sócio-histórica de Vygotsky

O trabalho de Vygotsky buscou identificar de que forma as características tipicamente humana, que chamou de Processo Psicológicos Superiores (PPS), se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. Os PPS são o resultado da estimulação autogerada pela criação e uso de estímulos artificiais (signos) dentro de um contexto sócio-cultural.

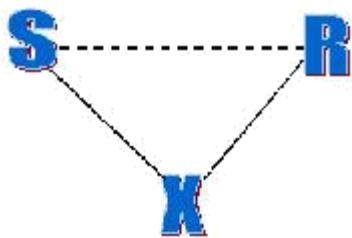
Os Processos Psicológicos Superiores foram caracterizados por ele sendo: * constituídos no contexto social;* voluntários, ao regularem a ação através de um controle voluntário;* intencionais, ou seja regulados conscientemente, embora um processo superior que sofreu um longo processo de desenvolvimento possa ser automatizado, continua sendo consciente.

Vygotsky chamou esse processo de fossilização;* mediados pelo uso de instrumentos (signos). O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processo psicológicos enraizados na cultura. (VYGOTSKY, 1998,p.54). Vygotsky acreditava no caráter sócio-histórico dos Processos Psicológicos Superiores e no uso de instrumentos como mediadores do desenvolvimento dos PPS. Dois pontos da tese marxista são fundamentais:

*Aspecto cultural: formas através das quais a sociedade organiza o conhecimento disponível veiculado por instrumentos físicos e simbólicos.

* Aspecto histórico: refere-se ao caráter histórico desses instrumentos, uma vez que eles foram criados e aperfeiçoados ao longo da história social dos homens. Essas questões preocupavam Vygotsky; o estudo devia passar por uma mudança no método de pesquisa que permitisse conclusões mais apuradas, criticando o método tradicional da psicologia na época, o método de estímulo resposta.

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético. (VYGOTSKY,1998,p.85). Considerando os seres vivos, em geral, pode-se afirmar que todo comportamento básico é uma reação direta a um problema determinado. Essa relação direta de estímulo-resposta não pode explicar formas de comportamento complexos como os humanos. Para Vygotsky, o centro do processo de formação dos comportamentos tipicamente humanos, surge pelo uso de signos, que se constituem num elo intermediário entre o estímulo (S) e a resposta (R). Esse elo (X),é na verdade um estímulo de segunda ordem que tem por função criar uma nova relação entre S e R, como aparece na figura abaixo:



Esquema de Estímulo-Resposta-Mediação

O processo estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado por um estímulo auxiliar. Os estímulos auxiliares são definidos por Vygotsky como instrumentos. Os instrumentos são ferramentas mediadoras da cultura, isto é, dotados culturalmente de significados, para uso dos indivíduos que através destes, podem influenciar o meio (cultura) ou a si mesmos. Ele define os instrumentos como sendo ferramentas de dois tipos:

- físicos: ou apenas instrumentos. Sua função é servir como condutor da influência humana sobre o objeto. É externo e orientado externamente para o controle e domínio da natureza (mudanças nos objetos e não no homem, por exemplo um arado);
- simbólicos: ou signos. São estímulos artificiais ou naturais dotados de significado, que constituem atividades mediadas. São instrumentos psicológicos que tem por função afetar o comportamento humano, e não modificar o objeto da operação psicológica, devido a que são mediadores da atividade interna dirigida para o controle do próprio indivíduo;

A diferença entre instrumento e signo reside nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. Mas, instrumentos e signos estão relacionados porque o controle do meio e do comportamento estão ligados.

Para Vygotsky (1998), os PPS surgem da combinação do instrumento e o signo no processo de mediação. Assim, mediação é um processo de intervenção de um elemento numa relação objeto-sujeito.

O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processo psicológicos enraizados na cultura. (VYGOTSKY, 1998,p.54)

As operações com signos aparecem como resultado de um processo prolongado e complexo, sujeito às leis básicas da evolução psicológica. A atividade de utilização de signos surge de uma operação que inicialmente não é uma operação com signos e se transforma nela através de transformações qualitativas, nas quais cada transformação cria condições para o próximo estágio e é condicionada pelo anterior.

Inicialmente a criança pequena não usa signos externos para se auxiliar, pouco a pouco o uso de signos (primeiro externos e depois internos) mediatisam uma atividade. Durante o desenvolvimento essas operações sofrem mudanças nem sempre perceptíveis pelo comportamento. Por esse motivo, o comportamento numa atividade mediada por um processo puramente interno, em seus estágios finais, assemelha-se aos primeiros estágios, ou seja aparentemente sem dependência com os signos. Isto acontece porque os signos

foram internalizados e a operação automatizada ou fossilizada. Vygotsky define o processo de internalizar como consistindo de uma série de transformações, entre elas, um processo interpessoal que é transformado num processo intrapessoal, e isso é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos durante o desenvolvimento.

Definições

O aspecto mais importante da interação social é que ela provoca uma modificação de comportamento nos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelece entre eles. O simples contato físico não é suficiente para que haja interação social. Por exemplo, se alguém se senta ao lado de outra pessoa num ônibus, mas ambos não conversam, não está havendo interação social (embora a presença de uma das pessoas influencie, às vezes, um pouco o comportamento da outra). Os contatos sociais e a interação, constituem, portanto, condições indispensáveis à associação humana. Os indivíduos se socializam através dos contatos e da interação social.

Resultados indicam que a contação e o reconto de histórias de Literatura Infantil são uma atividade interativa, potencializadora da linguagem da criança como espaço de recuperação do sujeito ator e autor de seu desenvolvimento. As crianças, enquanto interagem no mundo dos símbolos e da fantasia, expressam suas opiniões.

Segundo a Revista Fundação Aprender (2009), no que diz respeito à escuta da “voz da criança” e à interação criança-criança os dados revelaram que pouco foi dado importância pelas próprias professoras.

Dramatização

Dramatizar a história é uma atividade muito rica, deve ser estimulada pelo professor. A criança tem a oportunidade de interagir com os colegas e de fazer parte de um grupo. No que diz respeito aos textos coletivos, são de extrema importância, além do mais, as crianças podem criar finais diferentes para as mais variadas histórias, e o mais interessante é que estes finais são sempre voltados à sua realidade e o mundo que as cerca. Foi o tempo em que era falado sobre princesas, fadas e castelos, agora elas passam a ser influenciadas pelo ambiente em que vivem, ou seja, a história se volta para a realidade delas, em algo próximo e concreto.

Segue abaixo, dois exemplos de finais de histórias que um grupo de alunos com média de 5 anos criaram durante uma contação:

- Branca de Neve e o príncipe se casaram e viajaram para o nordeste, Japão, China, Itália e para o sul. Foram morar em um lindo apartamento e tiveram onze filhos, sete meninas e quatro meninos. Compraram um cachorro da raça “salsicha” e deram o nome de Charlie. Os sete anões se casaram e sempre iam visitar a Branca de Neve. O príncipe trabalhava na prefeitura da cidade onde foram morar e Branca de Neve ficava em casa para cuidar dos filhos.

- O lobo Nick aprendeu a lição com os três porquinhos, Julian, Pedro e Raian. Após cair na chaminé e queimar o bumbum, ele correu para a floresta e caiu na fonte dos desejos. Acabou se transformando em um lobo bom e foi fazer curso de teatro, e hoje ele é apresentador de televisão.

Estudo da história infantil

Após escolher a história que irá contar, o contador precisa estudá-la. Não significa que precisará decorar todo o texto, o importante é divertir-se com ela e captar sua mensagem, identificando seus elementos essenciais que compõem sua estrutura.

A introdução é a parte inicial, que tem por objetivo localizar o entrecho da história no tempo e no espaço, apresentando os personagens principais e caracterizá-los. Ela que estabelece o contato inicial entre o narrador e o ouvinte .Por exemplo:- Quando: “ Era uma vez...”, “No tempo em que os bichos falavam...”. Onde: “Numa floresta distante...”. Quem: “ Três porquinhos decidiram fazer uma casa para morar”.

Segundo Coelho (1999, p. 23) “ nem todos os livros trazem introduções precisas, completas. Se a história é lida, a criança pode suprir a falta. Mas, se é para ser ouvida, cabe ao narrador completar, adaptar, pois fica difícil começar a narração sem a fase preparatória inicial.

“A sucessão dos episódios, os conflitos que surgem e a ação dos personagens formam o enredo. Estes episódios devem ser apresentados numa sequência bem ordenada, mantendo-se a expectativa até alcançar o clímax. Depois disso, a narrativa encaminha-se para o desfecho.

Estudo dos elementos da história na narrativa

Os seguintes elementos devem ser destacados pois influem diretamente na trama, na forma da narração, na identificação do público a que se destina e na escolha da técnica de apresentação. São eles:

- Enredo;
- Personagens principais, secundários e supérfluos;

- Ambiente (local, época, civilização);
- Cenários (quantas cenas são necessárias para seu desenvolvimento);
- Mensagem e conteúdo educacional;

Estes elementos também indicarão onde estão as dificuldades para a produção de caracterizações e cenários e quais pontos explorar para dar um colorido especial. O fluxo do enredo:

- Introdução: É o que situará os ouvintes no tempo e nos espaço e apresenta os principais personagens. Deve ser clara, sucinta, curta mas suficiente para esclarecer os elementos que comporão a história. Se a versão original não satisfazer todos os requisitos, caberá ao narrador complementar com alguma pesquisa ou mesmo com a sua imaginação;
- Enredo: A sucessão de episódios, os conflitos que surgem e a ação dos personagens formam o enredo. É importante destacar o que é essencial e o que são detalhes;
- Ponto Culminante: Em uma história bem produzida, o ponto culminante surge como uma consequência natural dos fatos arrolados de forma ordenada e sucessiva. Mas, é no momento da luta que está o clímax da questão;
- Desfecho: A história atingiu o ponto culminante e agora só resta terminá-la. Coelho (1999) ressalta que, os textos devem ser estruturados com introdução clara, enredo em ascensão, destaque no ponto culminante (ou clímax), desfecho imprevisível, com final feliz, que é característico dos contos de fadas tradicionais. Há também o final aberto, que é uma das propostas da literatura atual, onde permite o questionamento e a formação de um final, criado pelas crianças.

A narrativa de ficção

Ao longo da nossa vida, vivemos em meio a muitas narrativas. Desde muito cedo, ouvimos histórias de nossas famílias, de como era a cidade ou o bairro há muito tempo atrás; como eram nossos parentes quando mais novos. Ouvimos também histórias de medos, de personagens fantásticos, de sonhos. Enfim, ouvimos, contamos, lemos, assistimos, imaginamos infinitas histórias.

A narrativa está presente em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida. (Barthes, 1971, p. 19-20)

Segundo a Encyclopédia Larousse, a definição de ficção é: "ato ou efeito de simular, fingimento; criação do imaginário, aquilo que pertence à imaginação, ao irreal; fantasia, invenção". A narrativa de ficção é construída, elaborada de modo a emocionar, impressionar as pessoas como se fossem reais. Quando você lê um romance, novela ou conto, por exemplo, sabe que aquela história foi inventada por alguém e está sendo vivida de mentira por personagens fictícios. No entanto, você chora ou ri, torce pelo herói, prende a respiração no momento de suspense, fica satisfeito quando tudo acaba bem. A história foi narrada de modo a ser vivida por você. Suas emoções não deixam de existir só porque aquilo é ficção, é invenção.



No "mundo da ficção" a realidade interna é mais ampla que a realidade externa, concreta, que conhecemos. Através da ficção podemos, por exemplo, nos transportar para um mundo futuro, no qual certas situações que hoje podem nos parecer absurdas, são perfeitamente aceitas como verdadeiras. A narração consiste em arranjar uma sequência de fatos na qual os personagens se movimentam num determinado espaço à medida que o tempo passa. A narrativa é centrada num conflito vivido pelos personagens. Diante disso, a importância dos personagens na construção do texto é evidente.

Podemos dizer que existe um protagonista (personagem principal) e um antagonista (personagem que atua contra o protagonista, impedindo-o de alcançar seus objetivos). Há também os adjuvantes ou coadjuvantes, esses são personagens secundários que também exercem papéis fundamentais na história.

Os elementos que compõem a narrativa são:

- Foco narrativo (1º e 3º pessoa);
- Personagens (protagonista, antagonista e coadjuvante);
- Narrador (narrador- personagem, narrador-observador);
- Tempo (cronológico e psicológico);
- Espaço.

O processo comunicativo e a oralidade

A forma narrativa instaura um processo de comunicação mínimo de alguém que narra (o Narrador) algo (a Intriga) para alguém (Leitor). É o modo como se estrutura essa relação significativa Narrador- Mensagem-Destinatário que determina o eixo significativo da narrativa. Tudo depende do foco narrativo ou, ainda, do ponto de vista que o Narrador assume frente àquilo que narra. (Palo, 1992, pg.43)

Na Literatura Infantil o foco narrativo pode ser dividido em verbal e visual. As duas tentam uma comunicação mais direta e próxima possível da criança, recupera a tradição de oralidade do “Era uma vez” dos contos de fada; aquele momento de transferência da experiência que o Narrador passa para aqueles que ouvem.

Falar é algo visceral ao ser humano. A pessoa que fala tenta mostrar de forma imediata ao interlocutor o objeto de sua fala, através da palavra, do ritmo, da expressão corporal, entre outros. Esta mensagem oral cria uma imagem que proporcionará a troca direta de experiências entre os interlocutores.

Segundo Palo, enfrentar a oralidade é inaugurar um novo modo de narrar e de escrever. Narrar no mesmo tom e compasso do viver – *escreviver-*, de tal forma que não haja mais distância entre quem narra, o que narra e quem lê. Desta maneira, cria uma sintonia na Literatura Infantil entre o Narrador, a Mensagem e o Receptor, que interagem simultaneamente em contínuas experiências.

O narrador tem um papel fundamental: escrever como se fala, onde ele irá captar o repertório do seu público numa comunicação direta e envolvente.

A língua falada e a escrita

Pois é. U portuguêis é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui agenti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglêis qui dá até vontadidi ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Impurtuguêis não. É só prestá tenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevimuito diferentí. Qui bom qui a minha língua é u portuguêis. Quem soubé falá sabi iscrevê. (SOARES, 2009)

O comentário é do humorista Jô Soares, para a revista *Veja*. Ele brinca com a diferença entre o português falado e escrito. Na verdade, em todas as línguas, as pessoas falam de um jeito e escrevem de outro.

A fala e a escrita são duas modalidades diferentes da língua. Na língua escrita há mais exigências, em relação às regras da gramática normativa. Isso acontece porque, ao falar, as pessoas podem ainda recorrer a outros recursos para que a comunicação ocorra - pode-se pedir que se repita o que foi dito, há os gestos, etc. Já na linguagem escrita, a interação é mais complicada, o que torna necessário assegurar que o texto escrito dê conta da comunicação.

A escrita não reflete a fala individual de ninguém e de nenhum grupo social. Por essa razão, a fala e a escrita exigem conhecimentos diferentes. A maioria de nós, brasileiros, falamos, por exemplo, "Eli me ensinô". O português na variante padrão exige, no entanto, que se escreva assim: "Ele me ensinou". Essas diferenças geram muitos conflitos.

A língua pode mudar conforme o grupo social, a região, e o contexto histórico São as chamadas variações linguísticas. A língua escrita e falada são dois meios de comunicação distintos. A escrita representa um estágio posterior de uma língua. A língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade. Além disso, é acompanhada pelo tom de voz, algumas vezes por mímicas, incluindo-se fisionomias. A língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido. No Brasil, por exemplo,

todos falam a língua portuguesa, mas existem usos diferentes da língua devido a diversos fatores. Dentre eles, destacam-se:

Fatores regionais: é possível notar a diferença do português falado por um habitante da região nordeste e outro da região sudeste do Brasil. Dentro de uma mesma região, também há variações no uso da língua. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um cidadão que vive na capital e aquela utilizada por um cidadão do interior do estado.

Fatores culturais: o grau de escolarização e a formação cultural de um indivíduo também são fatores que colaboram para os diferentes usos da língua. Uma pessoa escolarizada utiliza a língua de uma maneira diferente da pessoa que não teve acesso à escola.

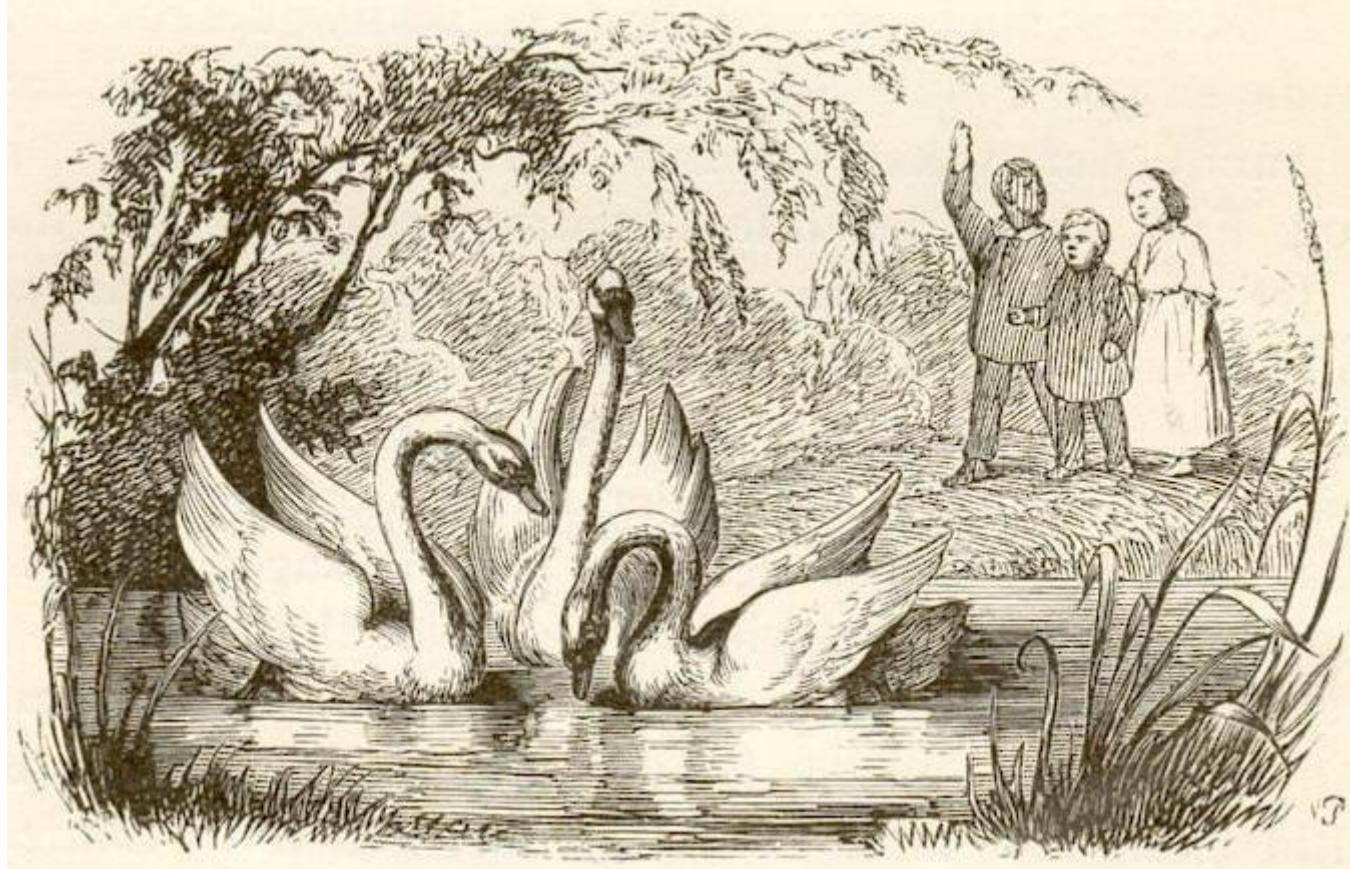
Fatores contextuais: nosso modo de falar varia de acordo com a situação em que nos encontramos: quando conversamos com nossos amigos, não usamos os termos que usariámos se estivéssemos discursando em uma solenidade de formatura.

Fatores profissionais: o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Abundantes em termos específicos, essas formas têm uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, químicos, profissionais da área de direito e da informática, biólogos, médicos, linguistas e outros especialistas.

Fatores naturais: o uso da língua pelos falantes sofre influência de fatores naturais, como idade e sexo. Uma criança não utiliza a língua da mesma maneira que um adulto, daí falar-se em linguagem infantil e linguagem adulta. Entende-se que a linguagem falada é definida desde o momento que nascemos, pois começamos a nos socializar, e consequentemente adquirimos os vocábulos, primeiro as vogais aparecem em forma de grunidos, e com o passar do tempo já se percebe o aparecimento das sílabas que por muitas vezes as consoantes se repetem, por exemplo : "dadá" , "gugu".

E Linguagem escrita, só estamos prontos para ela quando já estamos no estágio de maturação adequado juntamente com nosso desenvolvimento biológico, assim como o psíquico, que é quem vai nos assessorar nessa área.

Conto: O Patinho Feio



(de Hans Christian Andersen)

A mamãe pata tinha escolhido um lugar ideal para fazer seu ninho: um cantinho bem protegido, no meio da folhagem, perto do rio que contornava o velho castelo. Mais adiante estendiam-se o bosque e um lindo jardim florido.

Naquele lugar sossegado, a pata agora aquecia pacientemente seus ovos. Por fim, após a longa espera, os ovos se abriram um após o outro, e das cascas rompidas surgiram, engraçadinhos e miúdos, os patinhos amarelos que, imediatamente, saltaram do ninho.

Porém um dos ovos ainda não se abrira; era um ovo grande, e a pata pensou que não o chocara o suficiente.

Impaciente, deu umas bicadas no ovão e ele começou a se romper.

No entanto, em vez de um patinho amarelinho saiu uma ave cinzenta e desajeitada. Nem parecia um patinho.

Para ter certeza de que o recém-nascido era um patinho, e não outra ave, a mãe-pata foi com ele até o rio e o obrigou a mergulhar junto com os outros.

Quando viu que ele nadava com naturalidade e satisfação, suspirou aliviada. Era só um patinho muito, muito feio.

Tranquilitizada, levou sua numerosa família para conhecer os outros animais que viviam nos jardins do castelo.

Todos parabenizaram a pata: a sua ninhada era realmente bonita. Exceto um. O horroroso e desajeitado das penas cinzentas!

— É grande e sem graça! — falou o peru.

— Tem um ar abobalhado — comentaram as galinhas.

O porquinho nada disse, mas grunhiu com ar de desaprovação.

Nos dias que se seguiram, as coisas pioraram. Todos os bichos, inclusive os patinhos, perseguiam a criaturinha feia.

A pata, que no princípio defendia aquela sua estranha cria, agora também sentia vergonha e não queria tê-lo em sua companhia.

O pobre patinho crescia só, malcuidado e desprezado. Sofria. As galinhas o bicavam a todo instante, os perus o perseguiam com ar ameaçador e até a empregada, que diariamente levava comida aos bichos, só pensava em enxotá-lo.

Um dia, desesperado, o patinho feio fugiu. Queria ficar longe de todos que o perseguiam.

Caminhou, caminhou e chegou perto de um grande brejo, onde viviam alguns marrecos.

Foi recebido com indiferença: ninguém ligou para ele. Mas não foi maltratado nem ridicularizado; para ele, que até agora só sofrera, isso já era o suficiente.

Infelizmente, a fase tranquila não durou muito. Numa certa madrugada, a quietude do brejo foi interrompida por um tumulto e vários disparos: tinham chegado os caçadores!

Muitos marrequinhos perderam a vida. Por um milagre, o patinho feio conseguiu se salvar, escondendo-se no meio da mata.

Depois disso, o brejo já não oferecia segurança; por isso, assim que cessaram os disparos, o patinho fugiu de lá.

Novamente caminhou, caminhou, procurando um lugar onde não sofresse.

Ao entardecer chegou a uma cabana. A porta estava entreaberta, e ele conseguiu entrar sem ser notado. Lá dentro, cansado e tremendo de frio, se encolheu num cantinho e logo dormiu.

Na cabana morava uma velha, em companhia de um gato, especialista em caçar ratos, e de uma galinha, que todos os dias botava o seu ovinho.

Na manhã seguinte, quando a dona da cabana viu o patinho dormindo no canto, ficou toda contente.

— Talvez seja uma patinha. Se for, cedo ou tarde botará ovos, e eu poderei preparar cremes, pudins e tortas, pois terei mais ovos. Estou com muita sorte!

Mas o tempo passava, e nenhum ovo aparecia. A velha começou a perder a paciência. A galinha e o gato, que desde o começo não viam com bons olhos recém-chegado, foram ficando agressivos e briguentos.

Mais uma vez, o coitadinho preferiu deixar a segurança da cabana e se aventurar pelo mundo.

Caminhou, caminhou e achou um lugar tranquilo perto de uma lagoa, onde parou.

Enquanto durou a boa estação, o verão, as coisas não foram muito mal. O patinho passava boa parte do tempo dentro da água e lá mesmo encontrava alimento suficiente. Mas chegou o outono. As folhas começaram a cair, bailando no ar e pousando no chão, formando um grande tapete amarelo. O céu se cobriu de nuvens ameaçadoras e o vento esfriava cada vez mais.

Sozinho, triste e esfomeado, o patinho pensava, preocupado, no inverno que se aproximava.

Num final de tarde, viu surgir entre os arbustos um bando de grandes e lindíssimas aves. Tinham as plumas alvas, as asas grandes e um longo pescoço, delicado e sinuoso: eram cisnes, emigrando na direção de regiões quentes. Lançando estranhos sons, bateram as asas e levantaram vôo, bem alto.

O patinho ficou encantado, olhando a revoada, até que ela desaparecesse no horizonte.

Sentiu uma grande tristeza, como se tivesse perdido amigos muito queridos.

Com o coração apertado, lançou-se na lagoa e nadou durante longo tempo. Não conseguia tirar o pensamento daquelas maravilhosas criaturas, graciosas e elegantes. Foi se sentindo mais feio, mais sozinho e mais infeliz do que nunca.

Naquele ano, o inverno chegou cedo e foi muito rigoroso.

O patinho feio precisava nadar ininterruptamente, para que a água não congelasse em volta de seu corpo, criando uma armadilha mortal. Mas era uma luta contínua e sem esperança.

Um dia, exausto, permaneceu imóvel por tempo suficiente para ficar com as patas presas no gelo.

— Agora morrerei — pensou. — Assim, terá fim todo meu sofrimento.

Fechou os olhos, e o último pensamento que teve antes de cair num sono parecido com a morte foi para as grandes aves brancas.

Na manhã seguinte, bem cedo, um camponês que passava por aqueles lados viu o pobre patinho, já meio morto de frio.

Quebrou o gelo com um pedaço de pau, libertou o pobrezinho e levou-o para sua casa.

Lá o patinho foi alimentado e aquecido, recuperando um pouco de suas forças. Logo que deu sinais de vida, os filhos do camponês se animaram:

— Vamos fazê-lo voar!

— Vamos escondê-lo em algum lugar!

E seguravam o patinho, apertavam-no, esfregavam-no. Os meninos não tinham más intenções; mas o patinho, acostumado a ser maltratado, atormentado e ofendido, se assustou e tentou fugir. Fuga atrapalhada!

Caiu de cabeça num balde cheio de leite e, esperneando para sair, derrubou tudo. A mulher do camponês começou a gritar, e o pobre patinho se assustou ainda mais.

Acabou se enfiando no balde da manteiga, engordurando-se até os olhos e, finalmente se enfiou num saco de farinha, levantando uma poeira sem fim. A cozinha parecia um campo de batalha. Fora de si, a mulher do camponês pegara a vassoura e procurava golpear o patinho. As crianças corriam atrás do coitadinho, divertindo-se muito.

Meio cego pela farinha, molhado de leite e engordurado de manteiga, esbarrando aqui e ali, o pobrezinho por sorte conseguiu afinal encontrar a porta e fugir, escapando da curiosidade das crianças e da fúria da mulher.

Ora esvoaçando, ora se arrastando na neve, ele se afastou da casa do camponês e somente parou quando lhe faltaram as forças.

Nos meses seguintes, o patinho viveu num lago, se abrigando do gelo onde encontrava relva seca.

Finalmente, a primavera derrotou o inverno. Lá no alto, voavam muitas aves. Um dia, observando-as, o patinho sentiu um inexplicável e incontrolável desejo de voar.

Abriu as asas, que tinham ficado grandes e robustas, e pairou no ar. Voou. Voou longamente, até que avistou um imenso jardim repleto de flores e de árvores; do meio das árvores saíram três aves brancas.

O patinho reconheceu as lindas aves que já vira antes, e se sentiu invadir por uma emoção estranha, como se fosse um grande amor por elas.

— Quero me aproximar dessas esplêndidas criaturas — murmurou. — Talvez me humilhem e me matem a bicadas, mas não importa. É melhor morrer perto delas do que continuar vivendo atormentado por todos.

Com um leve toque das asas, abaixou-se até o pequeno lago e pousou tranqüilamente na água.

— Podem matar-me, se quiserem — disse, resignado, o infeliz.

E abaixou a cabeça, aguardando a morte. Ao fazer isso, viu a própria imagem refletida na água, e seu coração entristecido deu um pulo. O que via não era a criatura desengonçada, cinzenta e sem graça de outrora. Enxergava as penas brancas, as grandes asas e um pescoço longo e sinuoso.

Ele era um cisne! Um cisne, como as aves que tanto admirava.

— Bem-vindo entre nós! — disseram-lhe os três cisnes, curvando os pescoços, em sinal de saudação.

Aquele que num tempo distante tinha sido um patinho feio, humilhado, desprezado e atormentado se sentia agora tão feliz que se perguntava se não era um sonho!

Mas, não! Não estava sonhando. Nadava em companhia de outros, com o coração cheio de felicidade.

Mais tarde, chegaram ao jardim três meninos, para dar comida aos cisnes.

O menorzinho disse, surpreso:

— Tem um cisne novo! E é o mais belo de todos! E correu para chamar os pais.

— É mesmo uma esplêndida criatura! — disseram os pais.

E jogaram pedacinhos de biscoito e de bolo. Tímido diante de tantos elogios, o cisne escondeu a cabeça embaixo da asa.

Talvez um outro, em seu lugar, tivesse ficado envaidecido. Mas não ele. Seu coração era muito bom, e ele sofrera muito, antes de alcançar a sonhada felicidade.

Conto: A Pequena Vendedora de Fósforos



(de Hans Christian Andersen)

Fazia um frio terrível; caía a neve e estava quase escuro; a noite descia: a última noite do ano.

Em meio ao frio e à escuridão uma pobre menininha, de pés no chão e cabeça descoberta, caminhava pelas ruas.

Quando saiu de casa trazia chinelos; mas de nada adiantavam, eram chinelos tão grandes para seus pequenos pézinhos, eram os antigos chinelos de sua mãe.

A menininha os perdera quando escorregara na estrada, onde duas carruagens passaram terrivelmente depressa, sacolejando.

Um dos chinelos não mais foi encontrado, e um menino se apoderara do outro e fugira correndo.

Depois disso a menininha caminhou de pés nus - já vermelhos e roxos de frio. Dentro de um velho avental carregava alguns fósforos, e um feixinho deles na mão. Ninguém lhe comprara nenhum naquele dia, e ela não ganhara sequer um níquel. Tremendo de frio e fome, lá ia quase de rastos a pobre menina, verdadeira imagem da miséria!

Os flocos de neve lhe cobriam os longos cabelos, que lhe caíam sobre o pescoço em lindos cachos; mas agora ela não pensava nisso.

Luzes brilhavam em todas as janelas, e enchia o ar um delicioso cheiro de ganso assado, pois era véspera de Ano-Novo.

Sim: nisso ela pensava!

Numa esquina formada por duas casas, uma das quais avançava mais que a outra, a menininha ficou sentada; levantara os pés, mas sentia um frio ainda maior.

Não ousava voltar para casa sem vender sequer um fósforo e, portanto sem levar um único tostão.

O pai naturalmente a espancaria e, além disso, em casa fazia frio, pois nada tinham como abrigo, exceto um telhado onde o vento assobiava através das frinchas maiores, tapadas com palha e trapos.

Suas mãozinhas estavam duras de frio.

Ah! bem que um fósforo lhe faria bem, se ela pudesse tirar só um do embrulho, riscá-lo na parede e aquecer as mãos à sua luz!

Tirou um: trec! O fósforo lançou faíscas, acendeu-se.

Era uma cálida chama luminosa; parecia uma vela pequenina quando ela o abrigou na mão em concha...

Que luz maravilhosa!

Com aquela chama acesa a menininha imaginava que estava sentada diante de um grande fogão polido, com lustrosa base de cobre, assim como a coifa. Como o fogo ardia! Como era confortável!

Mas a pequenina chama se apagou, o fogão desapareceu, e ficaram-lhe na mão apenas os restos do fósforo queimado.

Riscou um segundo fósforo.

Ele ardeu, e quando a sua luz caiu em cheio na parede ela se tornou transparente como um véu de gaze, e a menininha pôde enxergar a sala do outro lado. Na mesa se estendia uma toalha branca como a neve e sobre ela havia um brilhante serviço de jantar. O ganso assado fumegava maravilhosamente, recheado de maçãs e ameixas pretas. Ainda mais maravilhoso era ver o ganso saltar da travessa e sair bamboleando em sua direção, com a faca e o garfo espetados no peito!

Então o fósforo se apagou, deixando à sua frente apenas a parede áspera, úmida e fria.

Acendeu outro fósforo, e se viu sentada debaixo de uma linda árvore de Natal. Era maior e mais enfeitada do que a árvore que tinha visto pela porta de vidro do rico negociante.

Milhares de velas ardiam nos verdes ramos, e cartões coloridos, iguais aos que se vêem nas papelarias, estavam voltados para ela. A menininha espichou a mão para os cartões, mas nisso o fósforo apagou-se. As luzes do Natal subiam mais altas. Ela as via como se fossem estrelas no céu: uma delas caiu, formando um longo rastilho de fogo.

"Alguém está morrendo", pensou a menininha, pois sua vovozinha, a única pessoa que amara e que agora estava morta, lhe dissera que quando uma estrela cala, uma alma subia para Deus.

Ela riscou outro fósforo na parede; ele se acendeu e, à sua luz, a avozinha da menina apareceu clara e luminosa, muito linda e terna.

- Vovó! - exclamou a criança.

- Oh! leva-me contigo!

Sei que desaparecerás quando o fósforo se apagar! Dissipar-te-ás, como as cálidas chamas do fogo, a comida fumegante e a grande e maravilhosa árvore de Natal!

E rapidamente acendeu todo o feixe de fósforos, pois queria reter diante da vista sua querida vovó. E os fósforos brilhavam com tanto fulgor que iluminavam mais que a luz do dia. Sua avó nunca lhe parecera grande e tão bela. Tornou a menininha nos braços, e ambas voaram em luminosidade e alegria acima da terra, subindo cada vez mais alto para onde não havia frio nem fome nem preocupações - subindo para Deus.

Mas na esquina das duas casas, encostada na parede, ficou sentada a pobre menininha de rosadas faces e boca soridente, que a morte enregelara na derradeira noite do ano velho.

O sol do novo ano se levantou sobre um pequeno cadáver.

A criança lá ficou, paralisada, um feixe inteiro de fósforos queimados. - Queria aquecer-se - diziam os passantes.

Porém, ninguém imaginava como era belo o que estavam vendo, nem a glória para onde ela se fora com a avó e a felicidade que sentia no dia do Ano Novo.

Conto: O Soldadinho de Chumbo



(de Hans Christian Andersen)

Numa loja de brinquedos havia uma caixa de papelão com vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos iguaizinhos, pois haviam sido feitos com o mesmo molde. Apenas um deles era perneta: como fora o último a ser fundido, faltou chumbo para completar a outra perna.

Mas o soldadinho perneta logo aprendeu a ficar em pé sobre a única perna e não fazia feio ao lado dos irmãos.

Esses soldadinhos de chumbo eram muito bonitos e elegantes, cada qual com seu fuzil ao ombro, a túnica escarlate, calça azul e uma bela pluma no chapéu. Além disso, tinham feições de soldados corajosos e cumpridores do dever.

Os valorosos soldadinhos de chumbo aguardavam o momento em que passariam a pertencer a algum menino.

Chegou o dia em que a caixa foi dada de presente de aniversário a um garoto. Foi o presente de que ele mais gostou:

— Que lindos soldadinhos! — exclamou maravilhado.

E os colocou enfileirados sobre a mesa, ao lado dos outros brinquedos. O soldadinho de uma perna só era o último da fileira.

Ao lado do pelotão de chumbo se erguia um lindo castelo de papelão, um bosque de árvores verdinhas e, em frente, havia um pequeno lago feito de um pedaço de espelho.

A maior beleza, porém, era uma jovem que estava em pé na porta do castelo. Ela também era de papel, mas vestia uma saia de tule bem franzida e uma blusa bem justa. Seu lindo rostinho era emoldurado por longos cabelos negros, presos por uma tiara enfeitada com uma pequenina pedra azul.

A atraente jovem era uma bailarina, por isso mantinha os braços erguidos em arco sobre a cabeça. Com uma das pernas dobrada para trás, tão dobrada, mas tão dobrada, que acabava escondida pela saia de tule.

O soldadinho a olhou longamente e logo se apaixonou, e pensando que, tal como ele, aquela jovem tão linda tivesse uma perna só.

“Mas é claro que ela não vai me querer para marido”, pensou entristecido o soldadinho, suspirando.

“Tão elegante, tão bonita... Deve ser uma princesa. E eu? Nem cabo sou, vivo numa caixa de papelão, junto com meus vinte e quatro irmãos”.

À noite, antes de deitar, o menino guardou os soldadinhos na caixa, mas não percebeu que aquele de uma perna só caíra atrás de uma grande cigarreira.

Quando os ponteiros do relógio marcaram meia-noite, todos os brinquedos se animaram e começaram a aprontar mil e uma. Uma enorme bagunça!

As bonecas organizaram um baile, enquanto o giz da lousa desenhava bonequinhos nas paredes. Os soldadinhos de chumbo, fechados na caixa, golpeavam a tampa para sair e participar da festa, mas continuavam prisioneiros.

Mas o soldadinho de uma perna só e a bailarina não saíram do lugar em que haviam sido colocados.

Ele não conseguia parar de olhar aquela maravilhosa criatura. Queria ao menos tentar conhecê-la, para ficarem amigos.

De repente, se ergueu da cigarreira um homenzinho muito mal-encarado. Era um gênio ruim, que só vivia pensando em maldades.

Assim que ele apareceu, todos os brinquedos pararam amedrontados, pois já sabiam de quem se tratava.

O geniozinho olhou a sua volta e viu o soldadinho, deitado atrás da cigarreira.

— Ei, você aí, por que não está na caixa, com seus irmãos? — gritou o monstro.

Fingindo não escutar, o soldadinho continuou imóvel, sem desviar os olhos da bailarina.

— Amanhã vou dar um jeito em você, você vai ver! — gritou o geniozinho enfezado.

Depois disso, pulou de cabeça na cigarreira, levantando uma nuvem que fez todos espirrarem.

Na manhã seguinte, o menino tirou os soldadinhos de chumbo da caixa, recolheu aquele de uma perna só, que estava caído atrás da cigarreira, e os arrumou perto da janela. O soldadinho de uma perna só, como de costume, era o último da fila.

De repente, a janela se abriu, batendo fortemente as venezianas. Teria sido o vento, ou o geniozinho maldoso? E o pobre soldadinho caiu de cabeça na rua.

O menino viu quando o brinquedo caiu pela janela e foi correndo procurá-lo na rua. Mas não o encontrou. Logo se consolou: afinal, tinha ainda os outros soldadinhos, e todos com duas pernas.

Para piorar a situação, caiu um verdadeiro temporal.

Quando a tempestade foi cessando, e o céu limpou um pouco, chegaram dois moleques.

Eles se divertiam, pisando com os pés descalços nas poças de água.

Um deles viu o soldadinho de chumbo e exclamou:

— Olhei! Um soldadinho! Será que alguém jogou fora porque ele está quebrado?

— É, está um pouco amassado. Deve ter vindo com a enchurrada.

— Não, ele está só um pouco sujo.

— O que nós vamos fazer com um soldadinho só? Precisaríamos pelo menos meia dúzia, para organizar uma batalha.

— Sabe de uma coisa? — Disse o primeiro garoto. — Vamos colocá-lo num barco e mandá-lo dar a volta ao mundo.

E assim foi. Construíram um barquinho com uma folha de jornal, colocaram o soldadinho dentro dele e soltaram o barco para navegar na água que corria pela sarjeta.

Apoiado em sua única perna, com o fuzil ao ombro, o soldadinho de chumbo procurava manter o equilíbrio.

O barquinho dava saltos e esbarrões na água lamacenta, acompanhado pelos olhares dos dois moleques que, entusiasmados com a nova brincadeira, corriam pela calçada ao lado.

Lá pelas tantas, o barquinho foi jogado para dentro de um bueiro e continuou seu caminho, agora subterrâneo, em uma imensa escuridão. Com o coração batendo fortemente, o soldadinho voltava todos seus pensamentos para a bailarina, que talvez nunca mais pudesse ver.

De repente, viu chegar em sua direção um enorme rato de esgoto, olhos fosforescentes e um horrível rabo fino e comprido, que foi logo perguntando:

— Você tem autorização para navegar? Então? Ande, mostre-a logo, sem discutir.

O soldadinho não respondeu, e o barquinho continuou seu incerto caminho, arrastado pela correnteza. Os gritos do rato do esgoto exigindo a autorização foram ficando cada vez mais distantes.

Enfim, o soldadinho viu ao longe uma luz, e respirou aliviado; aquela viagem no escuro não o agradava nem um pouco. Mal sabia ele que, infelizmente, seus problemas não haviam acabado.

A água do esgoto chegara a um rio, com um grande salto; rapidamente, as águas agitadas viraram o frágil barquinho de papel.

O barquinho virou, e o soldadinho de chumbo afundou.

Mal tinha chegado ao fundo, apareceu um enorme peixe que, abrindo a boca, engoliu-o.

O soldadinho se viu novamente numa imensa escuridão, espremido no estômago do peixe. E não deixava de pensar em sua amada: "O que estará fazendo agora sua linda bailarina? Será que ainda se lembra de mim?".

E, se não fosse tão destemido, teria chorado lágrimas de chumbo, pois seu coração sofria de paixão.

Passou-se muito tempo — quem poderia dizer quanto?

E, de repente, a escuridão desapareceu e ele ouviu quando falavam:

— Olhe! O soldadinho de chumbo que caiu da janela!

Sabem o que aconteceu? O peixe havia sido fisigado por um pescador, levado ao mercado e vendido a uma cozinheira. E, por cúmulo da coincidência, não era qualquer cozinheira, mas sim a que trabalhava na casa do menino que ganhara o soldadinho no aniversário.

Ao limpar o peixe, a cozinheira encontrara dentro dele o soldadinho, do qual se lembrava muito bem, por causa daquela única perna.

Levou-o para o garotinho, que fez a maior festa ao revê-lo. Lavou-o com água e sabão, para tirar o fedor de peixe, e endireitou a ponta do fuzil, que amassara um pouco durante aquela aventura.

Limpinho e lustroso, o soldadinho foi colocado sobre a mesma mesa em que estava antes de voar pela janela. Nada estava mudado. O castelo de papel, o pequeno bosque de árvores muito verdes, o lago reluzente feito de espelho. E, na porta do castelo, lá estava ela, a bailarina: sobre uma perna só, com os braços erguidos acima da cabeça, mais bela do que nunca.

O soldadinho olhou para a bailarina, ainda mais apaixonado, ela olhou para ele, mas não trocaram palavra alguma. Ele desejava conversar, mas não ousava. Sentia-se feliz apenas por estar novamente perto dela e poder amá-la. Se pudesse, ele contaria toda sua aventura; com certeza a linda bailarina iria apreciar sua coragem. Quem sabe, até se casaria com ele...

Enquanto o soldadinho pensava em tudo isso, o garotinho brincava tranquilo com o pião.

De repente como foi, como não foi — é caso de se pensar se o geniozinho ruim da cigarreira não metera seu nariz —, o garotinho agarrou o soldadinho de chumbo e atirou-o na lareira, onde o fogo ardia intensamente.

O pobre soldadinho viu a luz intensa e sentiu um forte calor. A única perna estava amolecendo e a ponta do fuzil envergava para o lado. As belas cores do uniforme, o vermelho escarlate da túnica e o azul da calça perdiam suas tonalidades.

O soldadinho lançou um último olhar para a bailarina, que retribuiu com silêncio e tristeza. Ele sentiu então que seu coração de chumbo começava a derreter — não só pelo calor, mas principalmente pelo amor que ardia nele.

Naquele momento, a porta escancarou-se com violência, e uma rajada de vento fez voar a bailarina de papel diretamente para a lareira, bem junto ao soldadinho. Bastou uma labareda e ela desapareceu. O soldadinho também se dissolveu completamente.

No dia seguinte, a arrumadeira, ao limpar a lareira, encontrou no meio das cinzas um pequenino coração de chumbo: era tudo que restara do soldadinho, fiel até o último instante ao seu grande amor.

Da pequena bailarina de papel só restou a minúscula pedra azul da tiara, que antes brilhava em seus longos cabelos negros.